

O FIO DE ARIADNE: REPRESENTAÇÃO ALEGÓRICA DO SUBLIME

LUCAS DE CASTRO SALLES¹

RESUMO

O presente trabalho visa propor reflexões a respeito do mito de Teseu e sua batalha contra o Monstro Minotauro, principalmente no que diz respeito ao papel do fio de Ariadne na trajetória do herói. Serão discutidas as representações alegóricas do inconsciente, da animalidade e do sublime, presentes no mito em questão e também em outras obras da literatura e do cinema. Como o contato com o sublime pode elevar o homem, tirando-o da prisão do inconsciente. Além do mito de Teseu, tomou-se como principal objeto de estudo o romance de Herman Melville, *Moby Dick*.

Palavras-chave: Fio de Ariadne; Moby Dick; Sublime.

*Ariadne's Thread:
Allegorical representation of the Sublime*

ABSTRACT

This paper aims to propose reflections on the myth of Theseus and his battle against the Minotaur Monster, especially regarding the role of Ariadne's thread in the hero's trajectory. The allegorical representations of the unconscious, animality and the sublime, all present in the myth in question and in other works of literature and cinema, will be discussed. How contact with the sublime can elevate men, taking him out of the prison of the unconscious. Besides the myth of Theseus, another object of study is Herman Melville's novel *Moby Dick*.

KEYWORD: Ariadne's thread; Moby Dick; Sublime.

1- Mestrando em Literatura Portuguesa, da Pós-Graduação Stricto Sensu do Instituto de Letras da UERJ.

INTRODUÇÃO

Desejo propor, através deste trabalho, uma reflexão a respeito da temática “O Fio de Ariadne”. Baseado no mito da batalha entre Teseu e o Minotauro, onde o fio de novelo dado ao herói por uma jovem apaixonada chamada Ariadne o possibilita regressar do Labirinto após derrotar o monstro do rei Minos.

O mito apresenta uma representação alegórica do conceito do inconsciente. É justamente o Labirinto que simboliza a complexidade desse inconsciente da mente humana, tão vasta que poderíamos nos perder em sua profundidade. Já o monstro Minotauro representaria sentimentos como medo, ambição, avareza, ansiedade, entre outros, todos frutos de nossas próprias mentes tribuladas. Quanto mais alimenta-se o ódio maior e mais forte ele fica, tornando cada vez mais difícil sairmos de seu domínio no inconsciente. É o caso do rei Minos, que insiste em sustentar o estado de tirania imposto aos atenienses, ignorando qualquer impulso de pensamento lógico. “Criamos nossos próprios monstros” (citação da série animada *Arcane* – 2021).

O fio de Ariadne foi o que possibilitou Teseu encontrar o caminho de volta para fora do Labirinto. Segundo o mito, sem ele seria impossível para o herói encontrar-se novamente. Essa representação traz o pensamento da necessidade de algo que nos mantenha ligados de alguma forma à realidade, algo que nos possibilite uma elevação de espírito caso começemos a nos perder nos males do inconsciente e das fraquezas inatas ao ser humano.

Esse *algo* é externo a nós, mas, ainda assim, dialoga com nosso interior. Seria como uma espécie de *memória involuntária* (Walter Benjamin, “Sobre alguns temas em Baudelaire”, 1939) que seria um objeto ou cena que nos desloca diretamente para uma memória de tempos passados, quase como se fossemos capazes de vivenciá-la novamente. Dessa forma o fio de Ariadne teria a capacidade de trazer Teseu do Labirinto do inconsciente de volta à realidade.

A temática do *fió de Ariadne*, da *memória involuntária* e dos conceitos de Belo e Sublime, como gostaria de discorrer mais adiante, parecem dialogar entre si. Por meio deste trabalho pretendo tecer algumas ideias a respeito dessa aparente proximidade entre as temáticas do fio de Ariadne e do Sublime.

Pretendo também trazer referências da contemporaneidade, sobretudo em exemplos de obras de longa-metragem que abordem a ideia do Herói épico como Teseu e suas características. Podemos observar a referência ao fio de Ariadne sendo aplicada de diversas formas no cinema e na literatura.

SOBRE ALGUMAS OBRAS COM A TEMÁTICA

Um bom exemplo de obra com a presença da temática do fio de Ariadne é o longa de animação *Ratatouille* (2007), onde o personagem de um amargo crítico gastronômico, famoso por avaliar negativamente restaurantes e levá-los à falência, entra em contato com a sublime simplicidade do protagonista do filme. A experiência de provar o prato de camponês *Ratatouille*, considerado muito simples para os padrões elevados da crítica, preparado de forma tão verdadeiramente sincera e excelente teve absoluto impacto na perspectiva do personagem, levando-o involuntariamente a reviver momentos de sua infância. Essa é uma experiência na psique entendida por Benjamin como a ideia da *Memória Involuntária*.

Como Teseu foi guiado para fora do Labirinto pelo fio de Ariadne, o crítico gastronômico *Anton Ego* (personagem no filme *Ratatouille*) foi puxado para fora do abismo de seu inconsciente. Dessa forma podemos entender a simbologia do fio como uma espécie de memória involuntária, ou mesmo o contato com o belo e sublime da arte. Estes são capazes de fazer conexões com nosso inconsciente sensível, levando-nos a visitar nossas antigas personas, e assim, muitas vezes, salvar-nos de nós mesmos que afogamo-nos sem perceber nas fraquezas inatas do ser humano. É sobre isso que desejo refletir nas páginas seguintes.

Em *Berserk*, obra literária do autor mangaká japonês Kentaro Miura, os personagens navegam pelo inconsciente da personagem Caska a fim de reconstruir sua personalidade dilacerada (fragmentação do Eu) por um terrível trauma do passado. Nessa jornada pela mente, diversos medos materializados de diferentes formas vão sendo identificados e ressignificados. Para que essa missão seja bem-sucedida, os personagens precisam ser mantidos ligados à realidade através de uma magia poderosa,

caso contrário eles se perderiam nos confins da mente de Caska. Dessa forma, a magia tem a mesma função que teve o novelo para Teseu. Guts, protagonista da história em *Berserk*, também precisa dessa mesma magia para manter sua mente conectada à realidade após entrar no que o autor chama de *modo berserk* enquanto batalha.

O Termo *Berserk*, que dá título à obra, era como os *vikings* chamavam uma espécie de modo de ira avassaladora de um guerreiro que, no seu ápice de fúria e insanidade, atacava até mesmo os seus, sem discernir entre aliado e inimigo. Isso se dá por conta da realidade deturpada em que entravam. O arquétipo do Minotauro e o Labirinto representavam os valores corrompidos do rei Minos, perdido nos confins de sua própria mente. Sem algo que o mantenha são, não consegue voltar a si, tal como os guerreiros em modo berserk.

Em *Berserk*, em contraponto com a brutalidade do herói está a fragilidade, verdade e ingenuidade da bruxa *Shierke*, que é responsável por manter a mente de Guts ligada à realidade, preservando sua verdadeira essência. Ela assume dessa forma a posição de Ariadne. O herói então é salvo pelo laço de amizade, ou amor no caso de Ariadne, que possui para além de sua força guerreira.

Podemos também ver representação similar no longa-metragem *O Homem do Norte* (2022), onde homens vikings buscam entrar em contato com seu espírito animal interior antes de enfrentarem seus inimigos. Isso lhes dá uma força quase sobre-humana, no entanto, distancia-os do conceito de herói representado no mito de Teseu, aproximando-os de Minos e do Minotauro. Sobretudo as marcas de brutalidade impedem que associemos de início o protagonista à figura do herói, pois ele se banha nessas mesmas águas de insanidade. No entanto, seu heroísmo é reconstruído ao longo do filme. O protagonista reencontra os valores do verdadeiro herói aos poucos em decorrer de sua interação com uma mulher que o traz de volta a si, fazendo-o lembrar quem realmente é. Novamente a figura de Ariadne aparece como essencial para a reconstrução e libertação do herói perdido, sendo sua salvação associada aos laços que constrói em sua trajetória.

BELEZA E ESPÍRITO

O conceito de beleza é algo discutido desde os primórdios do romantismo. Em Kant, o belo e sublime tem características similares, distinguindo-se por algumas peculiaridades. Ambos são experiências sensoriais que não devem ser entendidas de forma subjetiva. O sublime, sendo algo inconcebível a nosso raciocínio lógico, é visto como capaz de

e elevar nossas almas ou levar-nos às águas da insanidade.

A ideia da elevação da alma perante o contato com o sublime assemelha-se com a representação da salvação de Teseu do Labirinto do inconsciente. Podemos entender que o fio de Ariadne seria algo cuja experiência advinda da exposição sensorial pudesse trazer-nos de volta a realidade, elevando-nos de um possível estado de perdição psicológica, talvez do contato com o monstro interior presente em cada um de nós. Logo, poderíamos também interpretar a simbologia o fio de Ariadne como o contato com o Sublime.

No livro *O Sublime Romântico* (1994), Thomas Weiskel disserta a respeito da idéia de Sublime. Já de início citando Longino: “*Porquanto, como se instintivamente, nossa alma deixa-se empolgar pelo verdadeiro sublime; realiza um vôo soberbo, e enche-se de alegria e exaltação, como se ela mesma tivesse criado o que ouviu*”. - Longino, *Peri Hypsous*

Em seu livro, Weiskel discorre a respeito do humano e como o contato com o magnânimo inconcebível tem o poder de elevar-nos de alguma forma.

A mensagem essencial de Longino é que, através da redescoberta pessoal do grandioso, descobrimos que não precisamos ser vítimas passivas do que deterministicamente chamamos “circunstâncias” (sociais, culturais, ou, redutoramente, psicológico-pessoais), mas que ao ligar-nos, através do que Keats chama de uma “construção livre imortal”, com o sublime, podemos nos tornar mais livres – mais livres para sermos nós mesmos, para sermos o que mais queremos e valorizamos; e que pelo fato de nos preocuparmos com o tipo de coisa que fizemos, não os estamos apenas “imitando, na melhor e mais produtiva aceção da palavra, mas também nos “unindo a eles”.

- Thomas Weiskel, O Sublime Romântico, Página 26

Então o contato com o Sublime seria capaz de tirar-nos desse estado de imersão no Labirinto do inconsciente, causado pela perdição da alma do homem que cede à sua própria fraqueza inata, rancor, mentira e sentimentos desleais que o afastam do Herói. Seria essa ideia da simbologia do minotauro/animalidade do homem.

MELVILLE E A BUSCA PELO SUBLIME

Na obra *Moby Dick* (1851), de Herman Melville, o narrador e protagonista Ishmael busca a viagem marítima em momentos de tribulação mental. Entende que as questões da vida na cidade, como as quedas na bolsa e outras tendências de pensamento referentes ao sistema capitalista, sobrepõem-se por vezes ao verdadeiro sentido da existência, ofuscando-nos a visão. Por esse motivo, procura por tempos ausentar-se de toda essa tribulação com o escapismo à imensidão mar. Ishmael busca, por meio da aventura marítima, esse mencionado engrandecimento pessoal através do contato com o sublime, e quem sabe assim recobrar as antigas concepções que traziam cores à vida.

No capítulo **O Topo do Mastro** acompanhamos o momento em que Ishmael é selecionado para ficar de tocaia no topo do mastro do navio (haste que comporta um pequeno observatório no ponto mais alto do navio e possibilita a prática da observação, essencial para o navio baleeiro). Essa função consiste em observar e alertar a respeito da possível aproximação de um baleal (colectivo de baleias segundo o dicionário Houaiss) para que a tripulação possa organizar a melhor estratégia de captura. No entanto, o narrador nos apresenta uma segunda e oculta característica desse ponto do navio. “Você fica ali, perdido nos espaços infinitos do mar, sem nada que se agite além das ondas.[...] Na maior parte do tempo, nessa vida baleeira dos trópicos, uma sublime falta de acontecimentos toma conta de você.” Herman Melville (*Moby Dick* 2019, p.170)

No trecho acima, Ishmael descreve a experiência de estar em contato com a imensidão do mar. O narrador tenta exprimir a grandeza experienciada por trás da função de observador no mastro. A vista do topo do mastro é descrita como um sublime vazio que toma conta dos pensamentos do narrador, antes atribulado pelas futilidades da vida na cidade. Libertando-o dessa forma sua mente, possibilitando-a alçar o “vão soberbo” de Longino.

[...] você não recebe notícias; não lê jornais; edições especiais com relatos surpreendentes sobre banalidades não o iludem com agitações desnecessárias; você não sente as insatisfações domésticas; desvalorização de títulos; as quedas da bolsa; não precisa se preocupar com o que vai comer no jantar – pois todas as suas refeições, durante três anos ou mais, estão devidamente acondicionadas em tonéis, e seu cardápio é imutável.” (MELVILLE, 2019, p.170)

SOBRE A VERDADE

Onde estaria a verdade? Em Melville podemos encontrá-la na sublime simplicidade

da vida. Ela está na ausência da ansiedade gerada pelas complicações supérfluas da sociedade. São a franqueza e a verdade que elevam-nos a alma, não permitindo que nos percamos do caminho. Por isso a descrição da trajetória do baleeiro se assemelha muito com a do herói. Teseu enfrenta o Minotauro assim como os baleeiros enfrentam o abissal Leviatã (como são descritas as baleias Cachalote), magnânimo, sublime e terrível.

Em *Moby Dick* o baleeiro assume posição de herói, mas Melville flerta com esse conceito na figura do capitão Ahab. Primeiramente é descrito com grandeza e admiração, sobretudo na narração de sua batalha com a poderosa baleia branca, que lhe rendeu a amputação de sua perna. Contudo, a forma como é descrito Ahab também diverge do arquétipo de herói. No capítulo 31 intitulado “Conto de Fadas”, um dos tripulantes do navio diminui a seriedade da figura do capitão por conta de sua perna, amputada em batalha com a baleia branca e substituída por uma prótese de marfim. [...] *o pontapé de Ahab não tinha sido muito ofensivo. ‘Bem’, pensei, ‘qual é o problema? Não é uma perna de verdade, é apenas uma perna falsa.’ E há uma diferença muito grande entre um chute de coisa viva e um chute de coisa morta.*

Dessa forma, a mesma característica que legitima e marca seus feitos como herói, confrontando a monstruosa *Moby Dick*, também o diminuem ao cômico, que segundo Bergson está muitas vezes na quebra de mecanismos padrões como o simples ato de caminhar de forma diferente, ou no caso de Ahab ter a própria perna de carne e osso substituída por uma prótese de marfim sem vida.

Diferente de Teseu, Ahab é também a representação da figura do grotesco. Ele abraça a insanidade e a tramoia, persuade a tripulação para que o ajudem em sua busca por vingança, características opostas às do herói. Ahab é “cego” pela sede de vingança, sentimento que leva o homem à insanidade. Perde-se da razão e permite ser movido pelos sentimentos inferiores. Esse caminho pode levar o homem ao contato com seu animal interior, estado mental de rei Minos.

Essa mesma sede de vingança fez o personagem Guts perder-se em primeiro lugar. A obra *Berserk*, mangá do escritor japonês Kentaro Miura, no entanto, trata da reconstrução desse homem que se perde,

quase sendo dominado completamente por sua fúria indômita. O estado animal, representado pelo cão ou o lobo, no caso do mangá, assemelha-se à simbologia de Minos e do Minotauro. Na obra o protagonista é possuído por uma fúria representada pela imagem de um cão. Por vezes representada também pela desfiguração do personagem, quase se metamorfoseando no próprio arquétipo animal, desviando-se assim da sua própria essência que é encontrar a bondade e a pureza em meio ao caos.

Essa trajetória dual do herói é profetizada em Berserk logo no início da obra, na cena do nascimento de Guts. Em meio a um banho de sangue, envolto das tripas sangrentas de sua mãe enforcada, debaixo da árvore há a figura do bebê com vida e em prantos. Uma imagem de caos ou a representação simbólica de um milagre?

Não se encontra vitória ao trilhar o caminho do ódio. É preciso recuperar a verdadeira bravura que está necessariamente ligada à franqueza, acompanhado da pureza e da verdade, para que se possa ter a vitória plena como Herói, e de fato salvar aqueles que ama. A ferocidade em batalha precisa encontrar o equilíbrio com a sutileza e a paz. Para isso o herói busca a elevação do espírito através do contato com o sublime.

SOBRE O BELO E O SUBLIME

O Belo e o Sublime são conceitos referentes ao romantismo através pelos quais busca-se entender, para além da *techné*, toda forma de arte, seja literatura, pintura, música ou qualquer outra. Jean-Luc Nancy (filósofo francês), ao falar sobre o conceito de beleza, diz que todos nós sabemos o que é, mesmo que conscientemente não consigamos defini-la em palavras. Isso dá a entender a beleza como parte de uma espécie de inconsciente coletivo. Não se pode precisamente explicá-la de forma exata, com métodos científicos. No entanto, ela existe como algo palpável. Não é subjetiva e muito menos do plano metafísico. É algo sensorial, mas que se conecta com o inconsciente. Essa conexão que ocorre no contato com a obra, seja ela de qual natureza for, é a relação através da qual a obra de arte nos elevaria espiritualmente.

Tomas Weiskel em seu livro “O Sublime Romântico” fala sobre a elevação da alma através do contato com o magnânimo sublime. Este mesmo também pode ser terrível e nos proporcionar horror por estar no campo do desconhecido. O inconcebível pode se tornar destruidor, levando o homem ao estágio de insanidade/animalidade. Como ocorre com o personagem do

capitão Ahab.

Em *Moby Dick*, o personagem principal, e também narrador, Ishmael revela logo no início da narrativa que busca o mar em momentos de atribulação mental.

[...] pensei em navegar um pouco e visitar o mundo das águas. É o meu jeito de afastar a melancolia e regular a circulação. Sempre que começo a ficar rabugento; sempre que há um novembro úmido e chuvoso em minha alma; sempre que, sem querer, me vejo parado diante de agências funerárias, ou acompanhando todos os funerais que encontro; e, em especial, quando minha tristeza é tão profunda que se faz necessário um princípio moral muito forte que me impeça de sair à rua e rigorosamente arrancar os chapéus de todas as pessoas – então percebo que é hora de ir o mais rápido possível para o mar. -
Melville, *Moby Dick*

Quando as vicissitudes da vida começam a tomar muito espaço na mente do personagem (descreve trabalho, quedas na bolsa de valores, alimentação, inflação, questões associadas a vida em uma sociedade capitalista), para não perder-se em meio a pensamentos tão ansiosos e turvos, Ishmael busca o contato com a imensidão do mar. Essa busca é descrita por Thomas Weiskel em seu livro “O Sublime Romântico” como a busca por um ideal de liberdade.

O contato com o sublime, algo que estaria muito além até mesmo da nossa compreensão, teria a capacidade de elevar nossa alma. Isso nos tiraria do antes mencionado estado de perdição mental, no Labirinto do inconsciente, libertando-nos das prisões e monstros criados por nós mesmos. Logo me parece que a ideia do fio de Ariadne e o conceito de Sublime possuem certa similaridade quando a questão é a elevação da alma. Quando se trata do Sublime também existe a possibilidade dele próprio ser o que desvirtua o nosso herói.

Em “O Senhor dos Anéis” (1954), de J. R. R. Tolkien, o personagem *Isildur* é um nobre rei humano que derrotou o senhor das trevas *Sauron*. Demonstrando sempre sabedoria e justiça, era considerado por muitos uma figura louvável e digna do título de herói. No entanto, ao entrar em contato com o anel do poder (*The One = O Único*) ele é tomado por uma súbita insanidade e passa a viver em função desse objeto, que possui inexplicavelmente voz e vontade próprias.

Como ele diversos outros personagens partilharam do mesmo fardo. Dessa forma, o anel representa a face terrível do Sublime, que corrompe e traz insanidade mesmo aos mais puros. Alguns tem maior resistência mas outros são sugados de forma avassaladora para as águas da insanidade.

No filme, a forma de combater tal força terrível é representada como o amor e a amizade. Nos momentos de maior dificuldade foram os laços de amor que proporcionaram aos personagens a possibilidade de resistirem ao mal. Tal como o fio de Ariadne trouxe luz e esclarecimento a Teseu, os laços da amizade são o que ilumina a trilha em *O Senhor dos Anéis*.

Sublime e Belo são conceitos que caminham juntos. Como discorre Jean-Luc Nancy em seu livro “Beleza. o que é, como se faz” a ideia de beleza é diferente de um bonito meramente estético. Logo, o encontro com a magnânima e sublime imensidão do mar (em *Moby Dick*), ou o apelo à simplicidade da figura divina (em Alberto Caeiro) não tem relação direta com a ideia de estética propriamente dita. A questão é mais complexa do que somente visual. Envolve o sensorial e o inconsciente. Tem relação com toda experiência vivida pelo sujeito que entra em contato com o objeto detentor da beleza.

SOBRE TESEU, O MINOTAURO E O LABIRINTO

Teseu é um herói que decide derrotar a criatura Minotauro, opondo-se à dominação tirânica exercida pelo rei Minos sobre os atenienses. Tal atitude despota é dita como fora do comum para o rei que costumava ser sábio. O monstro Minotauro (Touro de Minos) é a representação simbólica da animalidade, da perversidade, da monstruosidade do homem, no caso do próprio rei Minos. O Labirinto, por sua vez, é todo o caminho aos confins do inconsciente de sua mente.

A simbologia no mito de Teseu é muito interessante e percorre diversos campos de conhecimento até hoje. Na obra *Berserk* (1989), de Kentaro Miura, o personagem principal, *Guts*, em determinado momento de sua trajetória recebe a *Dragonslayer*, espada longa descrita por muitos como um enorme pedaço de ferro bruto, e a usa para derrotar seus inimigos, seres diabólicos. Tal como a clava de Perifetes manejada por Teseu, a *Dragonslayer* passa a tornar-se uma arma simbólica e terrível, alimentada pela energia de tantos demônios e bandidos que *Guts* encontra pelo caminho. Sobretudo, a *Dragonslayer* é a concretização do ódio desse herói, cuja

própria figura oscila ao longo da obra também com o arquétipo de vilão.

Tal como no mito de Teseu, é interessante observar também a semelhança de representação do herói que flerta com a figura da brutalidade. *“A maça na mão do criminoso é a configuração da perversidade destruidora; manejada pelo herói, converte-se em símbolo da destruição e da perversidade.”* No entanto, em Berserk há uma linha tênue entre os conceitos de herói e vilão. *Guts* é o herói da história, mas a brutalidade com que lida com os desafios do destino em certo ponto colocam o próprio personagem sob ameaça de perder-se nas trevas de sua animalidade interior, tal como o rei Minos, e tal como poderia ter-se perdido Teseu caso não tivesse sido guiado para fora do Labirinto pelo fio de Ariadne.

Para derrotar o monstro e pôr fim na tirania de Minos, Teseu não poderia somente resolver a disputa de forma bruta, mas também seria necessário um pensamento mais elevado e astucioso, diferenciando Herói de Monstro. Sucumbir às fragilidades da alma foi o que levou o rei Minos a perder-se nos confins do inconsciente.

O mito relata que Minos venceu os atenienses com o auxílio de Zeus, ou seja, sua vitória tem consentimento divino, e portanto é merecida. No entanto, traíndo sua habitual sabedoria, o rei impôs condições tirânicas a Atenas. Portanto, o Minotauro (Touro de Minos) reflete um estado psíquico do rei, sua monstruosidade e tirania, encontradas dentro do Labirinto, que é por sua vez representação simbólica de seu inconsciente. Também o arquiteto do Labirinto, Dédalo, é interpretado como uma peça interessante – aquele que teceu a intriga que anulou a sabedoria de Minos.

No labirinto do inconsciente a dominação perversa de Minos, o Touro de Minos, continua a viver. O rei, no entanto, é incessantemente obrigado a opor-se à sua sabedoria, a “nutrir” sua atitude monstruosa com base em motivos falsos e a “alimentar” seu remorso obsedante, seu arrependimento não confessado, por um raciocínio ilusório, o que o torna incapaz de reconhecer seu erro e renunciar às condições infligidas aos atenienses.

(página 161, BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia Grega Volume III)

O rei Minos escolhia pessoalmente, como parte do acordo, 7 moças e 7 moços a serem lançados no Labirinto para servir de pasto ao Minotauro. Teseu prontificou-se a ir junto com os tributos para dar fim na situação, pois já sendo a terceira colheita os atenienses não aguentavam mais tal

tiranía. A proposta de Minos era de que, se lançados inermes no Labirinto conseguissem matar o monstro, poderiam regressar com vida à sua pátria.

No mito, Teseu tem ajuda de Ariadne, linda filha do rei Minos que se apaixona pelo herói. Ela sugere a Teseu que use o fio de um novelo para traçar o caminho de volta à entrada do Labirinto. Em algumas versões inclusive é dito que o fio possuía propriedades mágicas, emitindo luz própria.

O monstro simbólico escondido no Labirinto, inconsciente de Minos, “retrata o *homem* mais ou menos secretamente habitado pela tendência perversa da dominação.” Até mesmo aqueles dotados da sabedoria podem sucumbir.

Teseu luta contra a opressão do rei mas precisa atentar-se para não ceder às mesmas fraquezas inerentes à natureza humana. Deve negar a tentação de, através da força, promover medidas de repressão injustas que o tornem igual ao tirano que combate. Na disputa, Teseu não deve combater com astúcia e mentira, mas sim utilizar da força heróica: a franqueza e a pureza. O pós combate só pode ser a ação sublime do herói, que é contrária à repressão do tirano, “a força vitoriosa de um raciocínio válido, suscetível de fazer renascer a sabedoria do rei.”

É sobretudo o amor de Ariadne que possibilita Teseu uma vitória plena. Não fosse por isso ele certamente sucumbiria perdido dentro do Labirinto, mesmo tendo derrotado a criatura. O herói precisa sim da força para vencer os males, no entanto é sua franqueza, seu amor, sua bondade e os laços que constrói no caminho que o diferem do opressor.

No longa-metragem *Gladiator* (2000), o herói *Maximus Decimus Meridius* trilha o caminho do sofrimento, perdendo a esposa e o filho de forma cruel a mando do parricida usurpador *Commodus*. Depois de ser vendido como escravo e obrigado a lutar na arena em Roma como gladiador, ao ser confrontado pelo falso imperador, Maximus revela sua identidade perante todos, demonstrando assim as características principais do herói, franqueza e pureza.

O embate final entre herói e vilão resulta na morte carnal de ambos, no entanto os feitos heróicos de Máximus superam todo o despotismo e falso poder de Commodus, que era movido somente pela avareza e ambição. Com este desfecho ilustra-se um dos pensamentos de Marco Aurélio no filme “O que fazemos em vida ecoa pela eternidade.”

Tal como Teseu, Máximus não sucumbiu ao ódio e à fraqueza da natureza humana, mantendo-se assim coerente com a figura do verdadeiro herói. Mesmo depois de tanto sofrimento ainda mantinha seus valores e

elevação de espírito.

O herói deve enfrentar a monstruosidade sem afogar-se nas águas da insanidade que geraram esse mesmo mal. Guts e Maximus são a representação de homens que conseguiram alcançar uma elevação espiritual mesmo após tanto sofrimento. Foram capazes de não sucumbir ao mesmo mal que criou seus algozes. Assim como Teseu, tiveram os fios que os mantiveram ligados à realidade e à sua verdadeira essência.

A solução do problema do Labirinto não veio da esperteza ou habilidade do herói, e sim do amor de Ariadne. Foi ela quem sugeriu que Teseu usasse o novelo para trilhar o caminho através do Labirinto. As diversas obras acima apresentadas também abordam a temática do herói como no mito de Teseu. Não se trata apenas de força, esperteza e techné do guerreiro, mas sim os laços que faz no caminho que percorre e a elevação espiritual que alcança progressivamente pela interação com o sublime. Este por sua vez não está somente no divino, mas também na simplicidade das coisas. Em Ratatouille está no prato de camponês, servido com honestidade e maestria ao crítico gastronômico que recupera sua essência a muito perdida, assim como o gosto pela comida. Em Berserk é a magia e os laços de amizade que constrói ao longo da jornada, impedindo que sucumba à indômita sede de vingança. No mito de Teseu é o fio de Ariadne, que da forma mais pura deseja que seu amado volte em segurança para seus braços.

REFERÊNCIAS:

NANCY, Jean-Luc. *Beleza: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

WEISKEL, Thomas. *O Sublime Romântico: Estudos sobre a Estrutura e Psicologia da Transcendência*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

MELVILLE, Herman. *Moby Dick: ou A Baleia*. São Paulo: Editora 34 Ltda, 2019.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega* Volume III. Petrópolis: Vozes, 1987

O MITO NA ASCENSÃO DO “MITO” (BOLSONARO)

Prof. Me. José Eduardo Fonseca Brandão¹

RESUMO:

Na campanha eleitoral que resultou na ascensão do bolsonarismo (2018), muitas vezes o líder, Jair Messias Bolsonaro, recebeu a alcunha de “mito”, repetida com respeito e euforia pelos seguidores. É como se estivessem alertando sobre o procedimento que iria ocorrer. Mas não apenas a sociedade, como, também, os políticos profissionais de oposição e os entendidos de política se recusaram a prestar a devida atenção a esse pequeno aviso sobre o que estava se operando: Mito! Este é um trabalho sobre as eleições presidenciais brasileiras de 2018 e sobre os atos que podem ser caracterizados como integrantes da corrida eleitoral. Através de um estudo comparativo entre mitos, busca-se deduzir teorias gerais sobre sua estrutura e dinâmica, com a finalidade de cruzar essas teorias gerais com dados da realidade referentes a 2018 e tentando, ao menos, problematizar: será que a sociedade brasileira ensaiou algum tipo de mito ou de rito na ocasião da ascensão do bolsonarismo? O homem que levou a facada no bucho para nos “salvar” da corrupção, o “messias”.

Palavras-chave: Bolsonarismo; Mitologia; Filologia.

THE MYTH IN THE RISE OF THE “MYTH” (BOLSONARO)

ABSTRACT:

In the electoral campaign that resulted in the rise of bolsonarism (2018), the leader, Jair Messias Bolsonaro, often received the nickname “myth”, repeated with respect and euphoria by his followers. It is as if they were warning about the procedure that would occur. But not only society, but professional opposition politicians and experts, as well, refused to pay due attention to this small warning about what was happening: Myth! This is a work about the

1- Doutorando em Estudos de Literatura (Literatura Comparada) e Mestre em Estudos de Literatura (Teoria da Literatura) pela Universidade Federal Fluminense. Graduado em Licenciatura Letras Português-Grego pela mesma UFF. Bacharel em Direito pela Universidade Candido Mendes, com Especialização em Direito Empresarial pela Universidade Estácio. Professor substituto de Crítica Textual/Ecdótica pela UFF em 2023 e 2024. Professor credenciado de Texto e Crítica Textual e Metodologia de pesquisa na Especialização em Leitura e Produção de Textos, também, pela UFF.

2018 Brazilian presidential elections and the acts that can be characterized as part of the electoral race. Through a comparative study between myths, we seek to deduce general theories about their structure and dynamics, with the purpose of crossing these general theories with data from reality referring to 2018 and trying, at least, to problematize: has Brazilian society rehearsed any type of myth or rite at the time of the rise of bolsonarism? The man who took the knife in the gut to “save” us from corruption, the “messiah”.

Keywords: Bolsonaroism; Mythology; Philology.

INTRODUÇÃO

O reinado do Anticristo equivale, em certa medida, a um retorno ao Caos. [...] quando o Anticristo for considerado o falso Messias, seu reinado representará a total subversão dos valores sociais, morais e religiosos; em outros termos, o retorno ao Caos. [...]

(ELIADE, 1991, p.63).

Temos pela frente uma luta do bem contra o mal. Está bem claro o campo de batalha, mas como a história sempre mostrou, o bem será vitorioso.

(JAIR MESSIAS BOLSONARO, 2022)².

O objeto do artigo em questão é o bolsonarismo e um fato que chamou bastante a atenção deste que confeccionou o presente trabalho. Por que as massas gritavam enlouquecidas “Mito! Mito! Mito!”?

Sendo o autor do presente artigo um doutorando advindo das Letras Clássicas e um Professor substituto de Crítica Textual, atraiu o interesse do mesmo o fato de que alguns mitos poderiam apresentar uma estrutura narrativa tal qual a narrativa de campanha construída por Jair Messias Bolsonaro em 2018.

O que se propõe neste artigo é um estudo comparativo entre alguns mitos, buscando deduzir elementos abstratos e gerais das narrativas dos mesmos, ou seja, realizando comparações com o intuito de verificar similaridades entre os mesmos, deduzindo leis e teorias gerais a fim de cruzá-las com dados do mundo empírico.

Quem sabe, ao final deste trabalho, seja possível explicar a relação

2- Discurso realizado durante a Marcha para Jesus, realizada na Zona norte de São Paulo em nove de julho de 2022. (CNN, 2022)

entre o que as multidões bolsonaristas gritavam (“Mito! Mito! Mito!”) e o que de fato ocorreu, pois, creio que, até hoje, ninguém saiba explicar o que aconteceu nas eleições presidenciais brasileiras de 2018.

Vamos conversar, principalmente, a respeito dos fatos constituintes da corrida eleitoral de 2018.

“COINCIDÊNCIAS” ENTRE NARRATIVAS MITOLÓGICAS

E quando Jair Bolsonaro aparecia em público, a multidão gritava enlouquecida “Mito! Mito! Mito!”. Não acredito ser possível falar em ato falho coletivo. Porém, por outro lado, até parece que estavam tentando alertar o mundo sobre o que estava a suceder.

E, também, quando Jair Bolsonaro se fez presente em algum evento religioso cristão, tal como a Marcha para Jesus, ele recebeu mais atenção do que o próprio Jesus Cristo. Por que será?

Contarei uma história a meu leitor com o fim de que perceba a confluência de aspectos de mitos diversos até chegar ao nosso “mito”, Jair Messias Bolsonaro. É uma narrativa sobre a observação das estrelas, o **Evangelho de Mateus**, no **Novo Testamento**, e aspectos dos cultos solares na Roma antiga.

Se nos pusermos a observar o céu por volta dos dias 20 a 24 de dezembro, observaremos que, quase simultaneamente ao momento no qual o sol se põe no oeste, a estrela Sirius ascende com força no leste. É interessante guardar a posição onde Sirius ascendeu, pois o sol nascerá nesse exato lugar no dia seguinte. Por outro lado, durante a noite, a estrela Sirius percorre trajetória que o sol percorreu³ durante o dia, morrendo exatamente no mesmo lugar onde o sol se pôs.

Se contar ao meu leitor que existe um paralelo entre esse fenômeno e o que está escrito na **Bíblia**, acredito que a reação seria de ceticismo.

Todavia, a primeira metade do capítulo segundo do **Evangelho de Mateus** narra o nascimento de Jesus, em Belém de Judá, e a homenagem de misteriosos “magos do oriente”⁴.

3- Para nós, habitantes do planeta Terra, ou seja, a partir do nosso referencial.

4- A leitura do **Evangelho de Mateus** mostra que esses magos são advindos do oriente, tal como a estrela Sirius, que nasce no leste, no momento no qual o sol se põe entre os dias 20 e 24 de dezembro.

Jesus nasceu em Belém de Judá, quando Herodes reinava. Aconteceu que uns magos (ou astrólogos⁵) do Oriente se apresentaram em Jerusalém, perguntando:
 - Onde está o rei dos judeus recém nascido? Vimos surgir seu astro e viemos render-lhe homenagem. (BÍBLIA, Mateus, 2, 1-2).

Por um lado, no que se refere à tradução, tanto podem ser magos como podem ser astrólogos, pois não se separava astrologia de astronomia no tempo histórico que o **Evangelho de Mateus** tenta cobrir. Por outro lado, existe também uma referência no livro bíblico de **Daniel** que permite traçar o paralelo entre magos e astrólogos e corroborar a tese:

No segundo ano de seu reinado, Nabucodonosor teve um sonho; ficou sobressaltado e não pôde continuar dormindo.
 Mandou chamar os magos, astrólogos, agoureiros e adivinhos para que lhe explicassem o sonho. [...]. (BÍBLIA, Daniel, 2, 1-2).

Revolvendo ao **Evangelho de Mateus**, Os magos advindos do oriente viram surgir o “astro” do rei dos judeus e tentaram acompanhá-lo. Seria esse astro a estrela Sirius?

Voltemos à observação do céu noturno. Se nos pusermos a observar a estrela Sirius, verificaremos a proximidade de três estrelas bem conhecidas, “as três marias”⁶. É como se essas três estrelas estivessem a seguir e guardar a estrela Sirius. Refiro-me às três estrelas da constelação de Orion⁷, ou melhor da zona que seria o “cinturão” de Orion.

No Brasil, em Portugal e na América Espanhola essas três estrelas recebem a alcunha de “as três Marias”. Todavia, na Grécia, até os dias atuais, essas três estrelas recebem o nome “Os três magos (astrólogos) com os presentes” (*Μαγοί με τα δώρα*). Já em países de língua inglesa, essas três estrelas tanto podem ser chamadas como “*three sisters*”⁸ como, também,

5- Nota do tradutor, Dr. Luís Alonso Schökel: a palavra magos, nesse contexto, também poderia ser traduzida como astrólogos, pois astronomia e astrologia não se separavam. (BÍBLIA, 2017, p.2004).

6- Essas três estrelas compõem a constelação de Orion. Por estarem localizadas numa zona que equivaleria ao “cinto” do caçador, também são chamadas de Cinturão de Orion.

7- Seus nomes são *Mintaka*, *Alnilam* e *Alnitak*.

8- Três irmãs – tradução nossa.

podem ser chamadas de “*three kings*”⁹.

Pode parecer uma coincidência, mas no Brasil não é incomum ouvir a expressão “três reis magos” para se referir aos três magos que seguem o nascimento do rei dos judeus, segundo o Novo Testamento.

Revoltando ao **Evangelho de Mateus**, esses três magos se dirigiram ao Rei Herodes, que recebeu a notícia do nascimento do Rei dos Judeus, informou-se com os Sumos Sacerdotes à sua disposição e comunicou aos magos que se dirigissem a Belém, guardando consigo o desejo oculto de identificar a exata localização do nascimento do Rei dos Judeus.

Tendo ouvido a recomendação do rei, partiram. Imediatamente o astro que haviam visto surgir avançava à frente deles, até deter-se sobre o lugar em que estava o menino. Ao ver o astro, encheram-se de imensa alegria. (BÍBLIA, Mateus, 2, 9-10).

Os três magos, ou três astrólogos, advindos do oriente (ou do leste), apontam ou seguem a direção onde o Rei nascerá, pois sabem que basta colocar-se na direção do “astro” (Sirius). Assim como as três estrelas do cinturão de Orion, *three kings*, parecem estar seguindo e apontando o rastro de Sirius, que indica onde o sol nascerá.

Coincidência ou não, mas até parece que a história do nascimento de Jesus Cristo, consoante a **Bíblia**, é contada pelas estrelas. Ou seria o mito uma tentativa de explicar aspectos e fenômenos do mundo?

Outra coincidência: a data, 25 de dezembro, escolhida para a festa religiosa do nascimento de Jesus Cristo costumava ser a data do *Natalis Solis Invictis*, em oferecimento a *Sol Invictus*, na antiga Roma. E quando o dia 25 de dezembro passou a ser celebrado pelos cristãos?

Existe uma referência contida em um Calendário Litúrgico antigo, de autoria de *Furius Dionysius Filocalus* (354)¹⁰, indicando que em 25 de dezembro do ano de 354, já sendo o Cristianismo um culto permitido no Império Romano¹¹, celebrou-se a Encarnação do Salvador, o *Natalis domini corporalis*¹², na Antiga Basílica de São Pedro, durante o pontificado de Libério

9- Três reis – tradução nossa.

10- Segue ao final do texto a referência completa, contendo o endereço eletrônico, no qual o leitor poderá acessar uma cópia do Calendário em latim.

11- O Edito de Milão, promulgado no ano de 313 por Constantino Magno, permitiu o culto cristão. Porém, somente no ano de 384, pelo Edito de Tessalônica de Teodósio Magno, estabeleceu-se o Cristianismo como religião oficial de Roma.

12- A leitura do referido calendário permite verificar que o *natalis invicti* sobreviveu e foi mantido ao lado do *natalis domini corporalis*. O dia também servia para celebrar o *Solstitium*

(*Liberius* – pontífice de maio de 352 a setembro de 366).

Mas não era *Sol Invictus* a única deidade celebrada em 25 de dezembro na antiga Roma. Era muito popular o culto a um mito de origem Indo-Iraniana de nome Mitra. Antes de Mitra ser recepcionado pela cultura romana, os gregos o identificavam muito próximo ao deus Hélios, cujo equivalente romano se chama *Sol Invictus*, ainda que o tipo de luz que Mitra representasse, originalmente, não fosse, necessariamente, a luz solar, mas uma luz celestial. Observemos:

[...] A linguística comparada nos revela uma fase primitiva do sentir e do pensar religioso dos indo-germanos, em que se teria adorado o céu diurno em si como deidade máxima; assim sendo, ao *Dyaush-pitar* védico correspondem, segundo conhecida similaridade linguística, o *Ζεύς πατήρ*¹³ grego, o Júpiter latino, o *Ziu* ou *Ziu* germânico. Porém, mesmo deixando de lado este fato, as religiões indo-germânicas confirmam, em vários de seus vestígios, a hipótese de que a adoração da luz, como um todo indiviso, precedeu a dos astros isolados, que só figuram como portadores da luz, como suas manifestações particulares. No *Avesta*, por exemplo, Mitra não é um deus solar, conforme será considerado em épocas posteriores, mas sim o gênio da luz celestial. Desponta sobre os picos das montanhas antes que o sol, para subir em sua carruagem que, puxada por quatro corcéis brancos, atravessa os espaços celestes no decorrer de todo o dia; e quando cai a noite êle, o sempre vigilante, continua alumando a face da terra com resplendor difuso. Êste ser não é – fica explicitamente dito – nem o sol, nem a lua, nem tampouco as estrêlas, mas através dêles, que são seus mil ouvidos e dez mil olhos, tudo percebe e vela sobre o mundo. (CASSIRER, 1972, P.27-28).

Acredito que isso também pode ser expresso nos seguintes termos: a data de celebração do Natal de *Sol Invictus* (*Natalis Solis Invicti*) - que com o desenvolvimento da sociedade romana também passou a ser uma data de comemoração a Mitra - foi sucedida pela data de celebração do suposto nascimento do Mito Cristão, divindade solar, ou divindade de luz¹⁴, em

et initium hiberni, ou seja, o início do solstício de inverno em Roma.

13- *Ζεύς πατήρ* – Zeus Pai, tradução nossa.

14- Como já visto, a data também servia de celebração para a divindade Mitra, que representava

substituição a *Sol Invictus* e Mitra.

Seria Jesus Cristo uma divindade da luz?

Convém recordar a Literatura Bíblica. Nela, é possível verificar referências a Jesus Cristo como algo brilhante, tal como uma estrela: “Eu, Jesus, enviei meu anjo com esse testemunho para vós a respeito das igrejas. Eu sou o rebento da linhagem de Davi, o brilhante astro da manhã” (BÍBLIA, Apocalipse, 22, 16).

Também existem referências de Jesus Cristo como portador de alguma luz: “De novo Jesus lhes falou: - Eu sou a luz do mundo, quem me segue não caminhará em trevas, mas terá a luz da vida.” (BÍBLIA, João, 8, 12).

Já em relação a Jesus Cristo como uma divindade solar, além da sua data comemorativa ser a mesma, por sucessão, de *Sol invictus*, convém lembrar a deidade egípcia, Rá, representada nas pinturas com uma espécie de sol acima da cabeça. O meu leitor já viu alguma pintura ou outra forma de arte que retrata Jesus Cristo com uma espécie de sol atrás da cabeça? Por outro lado, não seria a coroa de espinhos uma forma de representar o sol e seus raios solares?

Existem dois fatos por trás dessa breve análise de confluências que devem estar chamando a atenção do leitor: 1) A possibilidade do mito representar uma tentativa de simbolizar, imaginar e nomear o universo e aspectos da realidade; e 2) talvez um mito jamais seja esquecido, na verdade, talvez seja continuado pelos mitos posteriores, que dele se alimentam.

Neste capítulo, foram discutidos alguns pontos de confluências entre diversas narrativas mitológicas. Em qual ponto a narrativa do “mito” Jair Messias Bolsonaro irá se cruzar com a história dos demais mitos? Pois, recordemo-nos de que quando Jair Bolsonaro se fez presente na marcha para Jesus, o “mito” (assim comumente chamado por seus seguidores) foi mais celebrado do que Jesus...

COMO UM MITO SUCEDE OUTRO

Quando analiso o movimento do sol e verifico possíveis coincidências com a narrativa dos mitos, gosto de pensar na hipótese de que, talvez, os mais velhos estivessem tentando passar um conhecimento acerca da dinâmica

a luz celestial, algo que, por semelhança, em se tratando de luz que surge ao amanhecer, antes do sol, e que pode ser, e foi, ligado à luz solar: “[...] Desponta sôbre os picos das montanhas antes que o sol, para subir em sua carruagem que, puxada por quatro corcéis brancos, atravessa os espaços celestes no decorrer de todo o dia; e quando cai a noite êle, o sempre vigilante, continua alumando a face da terra com resplendor difuso” (CASSIRER, 1972, p.28).

dos corpos celestiais. Nessa hipótese, a adoção da estética¹⁵ mitológica, ou da linguagem literária, serviria para satisfazer um intento de ensinar de maneira mais divertida, mais dinâmica e, por que não, mais bela. E, tendo em consideração, que as sociedades mais antigas eram mais ligadas à memória, a adoção da narrativa mitológica satisfazia a necessidade de passar adiante a cultura e os conhecimentos de mundo, com uma forma mais fácil de decorar e mais capaz de despertar, nos ouvintes, os órgãos responsáveis pela percepção de aspectos da realidade. Algo benéfico tanto para os que tinham a incumbência de recitar os mitos e tecer seus comentários a respeito dos mesmos, quanto para a plateia.

Todavia, cabe realizar uma ressalva: o mito está ligado não apenas a uma tentativa de transformar em alegórico um conhecimento empírico, ou de buscar explicações supra-pessoais para os fenômenos do mundo. Antes de tudo ele é palavra e representação, ele pode ser o símbolo, mas também pode ser a metáfora.

Ressaltou-se, amiúde, que a metáfora é o vínculo intelectual entre a linguagem e o mito; tais teorias divergem, porém, amplamente, quando surge a necessidade de uma determinação mais precisa deste processo mesmo e do rumo que êle segue. Ora, a autêntica fonte da metáfora é procurada nas construções da linguagem, ora, na fantasia mítica; ora, é a palavra que, por seu caráter originariamente metafórico, deve gerar a metáfora mítica e prover-lhe constantemente novos alimentos, ora, ao contrário, considera-se o caráter metafórico das palavras tão-sòmente um produto indireto, um patrimônio que a linguagem recebeu do mito e que ela tem como um feudo dêle. (CASSIRER, 1972, p.102).

E em se tratando de um fenômeno cultural, intermediado pela linguagem, não é de se estranhar que as representações da natureza, ou mesmo a interpretação dos astros, produzam significados, interpretações e metáforas distintos para cada cultura. Por isso é necessário realizar um trabalho

15- Quando invoco a palavra estética, não me refiro ao seu uso ligado à filosofia, mas a uma possibilidade de sentido na Teoria da Literatura: a estética como a forma que o autor utiliza para revestir o seu discurso com a intenção de maximizar as possibilidades de recepção e percepção por parte do leitor (ou ouvinte, ou espectador). E essa forma, ou estética, pode ser destinada a construir um belo texto, ou não. Da mesma forma que a Literatura não tem compromisso com a verdade, igualmente não tem com a beleza. Todavia, ainda assim, ela pode ser utilizada para definir o belo e a verdade.

comparativo de investigação do tempo presente e do momento em que surgiu o mito para contemplar seus significados e confluências. (CASSIRER, 1972, p.28-30)¹⁶.

Em *Linguagem e Mito* (CASSIRER, 1972), em sua tentativa de estabelecer uma verdadeira fenomenologia do espírito do Mito, Ernst Cassirer procede de modo a distinguir dois tipos de metáfora:

Mas semelhante emprego da metáfora pressupõe claramente que tanto o conteúdo significativo de uma imagem como seus correlatos lingüísticos já estão dados como quantidades definidas; só depois que os elementos como tais foram determinados e fixados verbalmente podem eles ser permutados. Esta transposição e permutação, que dispõe do vocabulário como de um material acabado, precisa ser distinguida daquela metáfora verdadeiramente “radical” que é uma condição quer da verbalização (*Sprachbildung*) quer da conceituação (*Begriffsbildung*) míticas. De fato, mesmo a mais primitiva exteriorização lingüística já exigia a transposição de um certo conteúdo perceptivo ou sensitivo em sons, isto é, em um meio estranho mesmo e, talvez, divergente com relação a este conteúdo, de modo que, até a forma mítica mais simples só pode surgir em virtude de uma transformação, pela qual uma determinada impressão é levantada por sobre a esfera do comum, do cotidiano e do profano, e impelida para círculo do “sagrado”, do significativo do ponto de vista mítico-religioso. Aqui se produz não só uma transferência, mas também uma autêntica *μετάβασις εις ἄλλο γένος*¹⁷; na verdade, o que acontece não é apenas uma transposição para uma outra classe já existente, mas a própria criação da classe em que ocorre a passagem. (CASSIRER, 1972, p.105-106).

Ou seja, por um lado, existe uma metáfora original da própria linguagem¹⁸. Por outro lado, a metáfora dos mitos, que contém os elementos

16- Cassirer propõe o determinado caminho, seguindo, favoravelmente, o trabalho de Hermann Usener, intitulado *Götternamen* (1896, p.330).

17- Nota do Tradutor: “transferência para outra categoria”. Pronuncia-se essa expressão “metabasis alô genós”, de forma mais aproximada ao grego.

18- Pensemos as sociedades antigas como necessitadas de metáforas, pois tinham um vocabulário incipiente em relação ao atual estágio no qual se encontram as sociedades ao redor do mundo.

sobrenaturais e mágicos próprios do mito, além da questão comunicativa. (CASSIRER, 1972, p.100).

Tal como uma palavra pode cair em desuso dentro de uma sociedade, o mesmo pode acontecer em relação a um mito. Palavras e expressões podem acompanhar a derrocada de algum grupo social de falantes¹⁹. De igual modo, um mito pode substituir outro, seja por razões de dominação externa, conflitos internos ou mesmo uma decisão político-administrativa que estabelece um determinado mito, proibindo outros, por exemplo, como foi o caso do reinado do Faraó Akhenaton que, primeiramente, estabeleceu o culto a Aton e, posteriormente, proibiu os cultos às demais deidades egípcias, constituindo, salvo engano, o primeiro caso, relatado de maneira escrita, de uma religião monoteísta. (DAVID, 2011, p.302-305).

Nesse processo de substituição de um mito por outro, quando um mito posterior se apropria de parte das características de um mito anterior, assenhora-se, magicamente, de tudo. Friso, magicamente:

Este princípio, como se sabe, domina e impregna o conjunto do pensar mágico. Quem se tenha apoderado de qualquer parte do todo dispõe também, com isso, no sentido mágico, do poder sobre o todo. A significação que esta parte possa ter para a construção e conexão do todo, a função que possa desempenhar nêle, é algo relativamente indiferente – basta que pertença ou tenha pertencido, que tenha estado ligado ao todo, por mais frouxo que haja sido este laço, para assegurar-lhe toda a sua força mágica e sua significação. Para conseguir domínio mágico sobre o corpo de um homem, por exemplo, basta apoderar-se de suas unhas cortadas ou de seus pêlos, de sua saliva ou de seus excrementos; sim, até a sombra ou as pegadas da pessoa também servem para este fim. Os pitagóricos, ainda, observavam a prescrição de alisar o leito após levantar-se a fim de que a impressão do corpo sobre a roupa de cama não pudesse ser utilizada em detrimento da pessoa. (CASSIRER, 1972, p.109-110).

É importantíssimo destacar que se trata de um domínio “mágico” do mito, que sucede outro mito, do qual ele se apropriou em partes, afinal a magia e o sobrenatural fazem parte da constituição dos discursos dos mitos. Agora

19- Uma palavra pode ser substituída por outra, que pode simbolizar objetos semelhantes à anterior, mas, ainda assim, ser substituída, por guardar maior identificação com o grupo social que venceu a batalha de prestígio.

reflitamos: O quanto de *Sol Invictus*, Rá, Aton, Mitra, Dionísio, Apolo e outros de que não consigo me recordar, não está contido e absorvido na narrativa de Jesus Cristo?

Neste ponto do artigo, algumas possibilidades de respostas científicas para a pergunta inicial já devem estar aparecendo na mente do leitor: por que, na marcha das famílias para Jesus, Jair Bolsonaro era mais celebrado do que o próprio Jesus Cristo?

O CAMINHO PARA JAIR MESSIAS BOLSONARO SE TORNAR UM MITO

Como já escrito, um mito não costuma ser esquecido. Na verdade, a história da humanidade mostra que um mito sobrevive no mito posterior, ainda que, não, em sua totalidade.

Um dia, a narrativa cristã se alimentou de mitos mais antigos. O cristianismo é um Mito? Sim, em grande parte. É possível afirmar isso, afastando-se da forma de pensamento religiosa, aproximando-se do texto bíblico através de uma abordagem científica e aplicando Teoria da Literatura, Literatura Comparada e Crítica Textual²⁰ ao mesmo.

Como não pesquisar os originais utilizados para a composição dos livros bíblicos, tal como são transmitidos nos dias atuais, e não perceber os jogos entre palavras de sons semelhantes, as repetições, o ritmo, os personagens que são nomeados de acordo com as circunstâncias de sua concepção ou de seu nascimento, e, como, ainda assim, não perceber todo o caráter literário existente? Com livros repletos de canções, outros com variações literárias bem demarcadas. O livro de **Êxodo**, por exemplo, narrando a trajetória do herói Moisés, que em tantos momentos questiona o seu Senhor, mas que, mesmo assim, lidera o seu povo rumo à liberdade, aceitando o seu destino. O **Êxodo** possui um caráter épico bastante acentuado. Isso é tão evidente que, ao libertar seu povo, Moisés e os demais israelitas entoam um cântico, gravado no Capítulo 15.

Já o caráter mítico de **Gênesis** nem precisa ser esmiuçado, visto que ao longo deste livro é possível contemplar mito de criação do mundo, mito de surgimento do pecado, mito de surgimento da vingança e da barbárie, mito de

20- Não nos esqueçamos de que a principal razão para o texto bíblico ter conseguido chegar a nossa era com o mínimo aceitável de autenticidade e de credibilidade se deve ao trabalho realizado por copistas, que trabalhavam, sua maior parte, em monastérios, somado ao trabalho de críticos textuais que se esforçavam para manter a integridade do texto frente ao fenômeno da mobilidade textual.

surgimento da cultura, mito que explica a aliança entre um povo e um Deus, mito que explica a origem do povo de Israel.

O judaico-cristianismo, visando se distanciar de seu forte caráter mítico e literário, adicionou, pelo menos, dois elementos às narrativas de seus estudiosos e de suas autoridades: 1) Historicidade (ELIADE, 1991, p.141-142); e 2) Espiritualidade, para preencher os vazios da existência humana e justificar ações, como as cruzadas, por exemplo.

Obviamente que, para o cristianismo adquirir um *status* de religião, foi necessário afastar o caráter mitológico de sua narrativa e se aproximar do discurso da história a fim de obter mais veracidade ao relato:

É preciso acrescentar imediatamente que, *pelo fato mesmo de ser uma religião*, o cristianismo teve de conservar ao menos um comportamento mítico: o tempo litúrgico, ou seja, a recuperação periódica do *Ilud tempus* do “princípio”. “A experiência religiosa do cristão baseia-se na *imitação* de Cristo como *modelo exemplar*, na *repetição* litúrgica da vida, morte e ressurreição do Senhor, e na *contemporaneidade* do cristão com o *Ilud tempus*, que se inicia com a Natividade em Belém e se encerra, provisoriamente, com a Ascensão”. Ora, como vimos, “a imitação de um modelo transumano, a repetição de um enredo exemplar e a ruptura do tempo profano mediante uma abertura que desemboca no Grande Tempo, constituem as notas essenciais do “comportamento mítico”, isto é, do homem das sociedades arcaicas, que encontra no mito a própria fonte de sua existência”. (ELIADE, 1991, p.146-147).

Levando em consideração a proposta religiosa e os dogmas, que devem ser seguidos pelos fiéis, nesse sentido o cristianismo necessita de comprovação histórica de alguns de seus fatos. Por exemplo, comprovar a existência histórica de Jesus Cristo sempre foi um grande esforço das religiões cristãs. (ELIADE, 1991, p.141-142).

O elemento espiritual da narrativa cristã é direcionado para o vazio existencial do ser humano. Apesar de ser um animal tão socialmente desenvolvido, dotado de um sistema de comunicação bastante complexo, capaz de controlar suas impulsões e de, até mesmo, satisfazê-las, total ou parcialmente, de uma forma socialmente aceitável, ainda assim, o ser humano parece conter um vazio. O elemento espiritual da narrativa religiosa cristã, por

um lado, é direcionado a preencher o vazio existencial do *homo sapiens*, um ser da falta; por outro lado, é direcionado a justificar ações absurdas (já citei o exemplo das cruzadas).

Existem diversas estratégias das quais o ser humano dispõe com o intento de preencher o seu vazio ou de buscar um sentido mais profundo para a sua existência. Porém, parece conveniente citar a necessidade de retorno às origens. É como se o ser humano fosse um crítico textual em busca de compreender os sentidos ocultos de um texto antigo e problemático, necessitando pesquisar seus originais ou algumas edições que podem dar informação valiosa sobre o processo de transmissão. Todavia, o texto em questão é o próprio indivíduo em sua tentativa de se decifrar.

Quando o ser humano está perdido e não consegue adequar suas ações aos seus objetivos, tendo em vista as problemáticas do seu contexto espaço-temporal, gera-se uma sensação de falta de pertencimento. Uma das maneiras naturais de superar a contradição estabelecida é o retorno à origem como uma forma de enfrentar os dilemas do tempo presente, tal como os heróis e tal como os Deuses fizeram no tempo sagrado da criação:

[...] É significativo, entretanto, constatar uma certa continuidade de comportamento humano no que concerne ao Tempo, através das idades e nas múltiplas culturas. Esse comportamento pode ser definido do seguinte modo: *para curar-se da obra do Tempo, é preciso “voltar atrás” e chegar ao “princípio do Mundo”*. Acabamos de ver que esse “retorno à origem” tem sido diversamente valorizado. Nas culturas arcaicas e paleorientais, a repetição do mito cosmogônico tinha como objetivo a abolição do Tempo decorrido e o reinício de uma nova existência, com as forças vitais intactas. [...] (ELIADE, 1991, p.81).

Esse retorno à origem nem sempre é expresso como um retorno real ao seu berço, mas um retorno ao que o indivíduo enxerga, intuitivamente, como sua origem. Um exemplo disso é o retorno que as sociedades buscam realizar ao tempo mítico, pela repetição de rituais que reproduzem alegoricamente uma criação de mundo (Cosmogonia) ou a gênese de uma sociedade. Na cultura judaica, a páscoa²¹ e seu rito são um sério exemplo.

O retorno à origem, também, não deixa de ser uma forma pela qual o mito se mantém, camufla-se e se mantém vivo. (ELIADE, 1991, p.157).

21- O mito e o rito de páscoa podem ser encontrados no capítulo 12 do livro **Êxodo**.

Aproximar-se da origem, guiado pelas narrativas mitológicas, ou mediante rituais, é uma forma de se aproximar dos feitos daqueles personagens descritos nas histórias. Repetindo os feitos desses heróis, ou dessas divindades, o indivíduo adquire, no nível imaginário, parte de sua aura mística e poder.

[...] Para o homem das sociedades arcaicas, ao contrário, o que aconteceu *ab origine* pode ser repetido através do poder dos ritos. Para ele, portanto, o essencial é conhecer os mitos. Essencial não somente porque os mitos lhe oferecem uma explicação do Mundo e de seu próprio modo de existir no Mundo, mas sobretudo porque, ao rememorar os mitos e reatualizá-los, ele é capaz de repetir o que os Deuses, os Heróis ou os Ancestrais fizeram *ab origine*. Conhecer os mitos é aprender o segredo da origem das coisas. Em outros termos, aprende-se não somente como as coisas vieram à existência, mas também onde encontrá-las e como fazer com que reapareçam **quando** desaparecem. (ELIADE, 1991, p.17-18).

O espaço que se deseja alcançar nesse retorno à origem é o espaço e o tempo alegóricos onde o que era sagrado acontecia.

Não é de se estranhar que, muitas vezes, durante os comícios de Jair Bolsonaro, fosse possível visualizar a bandeira de Israel, pois remete às origens judaicas do cristianismo. Não é de se estranhar, igualmente, que as religiões das quais o mito (Bolsonaro) mais se aproximou sejam as cristãs. Não é conveniente deixar de ponderar sobre o fato de ser deveras curioso o que as multidões gritavam: “Mito! Mito! Mito!” em vez de “Messias, Messias, Messias”.

Chamar o líder bolsonarista de mito jamais foi algo aleatório²². Lembremo-nos da obra prima de Alfred Rosenberg,²³ *O mito do século XX*²⁴ (1930).

22- Será que houve algum estudioso político guiando a campanha bolsonarista de acordo com alguma experiência totalitária da primeira metade do século XX?

23- Alfred Rosenberg foi um dos principais teóricos a frente dos movimentos de massa que viriam a constituir o que hoje conhecemos como Nazismo. Sua produção intelectual forneceu material científico para o discurso Nazista se fortalecer, preenchendo as lacunas desse discurso e o adaptando às necessidades dos intelectuais nazistas, assim como, às necessidades do público-alvo. Alfred Rosenberg esteve no comando (1933-1945) de algo que poderíamos definir como equivalente ao nosso Ministério de Relações Exteriores - *Außenpolitisches Amt der NSDAP*.

24- Título original *Der Mythos des zwanzigsten Jahrhunderts*.

UM FORMATO COMUM NA ESTRUTURA NARRATIVA BÁSICA DE MUITOS MITOS

Mircea Eliade, estudando a estrutura dos mitos, percebeu que, mesmo em sociedades e culturas diversas, os mitos conservavam uma estrutura predominante, que contém quatro momentos primordiais: 1) Criação; 2) Caos; 3) Destruição; e 4) Recriação.

O momento de criação, geralmente, corresponde a relatos míticos sobre a gênese do mundo (ou Cosmogonia) ou sobre a gênese de um povo e de sua cultura. Nesse momento de criação, os seres divinos e supremos estão presentes, criando o mundo e o universo conhecido. É uma época idealizada como sagrada, perfeita e absoluta, devido aos seres supremos que atuaram em sua formação.

[...] É a idéia da “perfeição dos primórdios”, expressão de uma experiência religiosa mais íntima e mais profunda, nutrida pela recordação imaginária de um “Paraíso Perdido”, de uma beatitude que precedeu a atual condição humana. É possível que o enredo mítico-ritual do Ano Novo tenha desempenhado um papel tão importante na história da humanidade principalmente porque, ao assegurar a renovação cósmica, ele oferecia igualmente a esperança de uma recuperação da beatitude do “princípio”. [...] (ELIADE, 1991, p.50).

O momento do caos é aquele em que a sociedade está decadente. A economia pode não estar funcionando devidamente, as estruturas fundamentais não são mais respeitadas e a sociedade atua de forma temerária. Inúmeras razões para buscar compreender essa desordem serão construídas. Entretanto, parece natural que qualquer evento que ocorra no mundo seja atribuído à decadência do ser humano, da sociedade e ao desrespeito pelas instituições e pelas tradições. Como um exemplo, Mircea Eliade cita o íterim entre a morte de um faraó e a coroação de um novo, marcado por uma sociedade cujos grupos e multidões denunciavam a existência de uma desarmonia, resultado da corrupção das estruturas por parte de algum ser maligno:

Era o que ocorria no Egito. A coroação de um novo faraó, escreve Frankfort²⁵, “pode ser considerada a criação

25- Esta citação de Mircea Eliade provém do estudo de Henri Frankfort *Kingship and the Gods* (1948, p.150).

de uma nova época, após uma perigosa interrupção da harmonia entre a sociedade e a natureza, uma situação, portanto que faz parte da natureza da criação do universo. Isso é bem ilustrado por um texto contendo uma maldição aos inimigos do rei, que são comparados a Apófis, a serpente das trevas que é destruída por Rá ao alvorecer. Mas a comparação tem um curioso adendo: “Eles serão iguais à serpente Apófis ao alvorecer do Ano Novo”. A especificação “ao alvorecer do Ano Novo” só pode ser explicada no sentido de uma intensificação: a serpente é derrotada a cada nascer do sol, mas o Ano Novo celebra a criação e a renovação diurna, bem como a abertura do novo ciclo anual. [...] (ELIADE, 1991, p.42).

A desordem da sociedade é expandida para uma desordem com a natureza. Qualquer notícia negativa, nesse período de desordem imaginária, será interpretada pelas multidões como um “sinal de fim dos tempos”.

Nesse ponto, os políticos que se opuseram desde sempre a Bolsonaro possuem um papel importantíssimo na ascensão do bolsonarismo!

Escandalizando-se a cada declaração do “mito”, não apenas davam visibilidade ao, então, Deputado Federal, como também trabalhavam a favor da campanha do “mito”, ajudando a construir uma atmosfera de caos e desordem!

DE MITO A MESSIAS

Observemos com atenção as narrativas políticas montadas dos responsáveis pela campanha presidencial de Jair Bolsonaro, em 2018: o Brasil estaria “entregue ao caos e à roubalheira do PT”, vivendo à iminência de se tornar uma “Nova Venezuela”.

Essa narrativa, nada mais é do que a tentativa de implantar imagens de caos e de desordem nas mentes das multidões, fenômeno que parece ocorrer nas estruturas narrativas de muitos mitos e ritos das mais diversas culturas ao redor do mundo.

A população brasileira viu-se diante de um clima de desordem e de incerteza, que foi construído com auxílio dos políticos que se posicionaram escandalosamente contra as falas caricatas e insignificantes do, até então, candidato a líder de massa.

O atentado à faca, que feriu o bucho do presidenciável, foi o movimento de conquista de uma película perfeitamente contracenada por Jair Bolsonaro.

Assim, cada impressão que o homem recebe, cada desejo que nêle se agita, cada esperança que o atrai e cada perigo que o ameaça, pode vir a afetá-lo religiosamente. Quando à sensação momentânea do objeto colocado à nossa frente, à situação em que nos encontramos, à ação dinâmica que nos surpreende, é outorgado o valor e o acento de deidade, então êsse “deus momentâneo” é experienciado e criado. Êle se ergue diante de nós com sua imediata singularidade e particularidade, não como parte de uma força suscetível de se manifestar aqui e acolá, em diferentes lugares do espaço, em diferentes pontos do tempo e em diferentes sujeitos, de maneira multiforme e no entanto homogênea, mas sim, como algo que só existe presentemente aqui e agora, num momento indivisível do vivenciar de um único sujeito, a quem inunda com esta sua presença e induz em encantamento. (CASSIRER, 1972, p.34).

E após sofrer o atentado à faca, nas eleições presidenciais de 2018, o, então, Jair Bolsonaro passou a ser chamado de Messias, seu segundo nome, mas que, até então, não havia sido utilizado com fins políticos. O “deus momentâneo” se ergueu diante dos brasileiros.

O que escreverei neste parágrafo é fruto de uma relação interpessoal deste que escreve com o que ocorreu no mundo. Recordo-me do dia da facada no bucho. Estava a trabalhar na parte da tarde daquele fatídico dia. À noite, ao visitar minha namorada, o atentado já era o que mais era comentado e bombardeado nas redes sociais. Naquela mesma noite, o Jornal Nacional da Rede Globo exibiu em rede nacional uma nova pesquisa de intenção de votos na qual Jair Messias Bolsonaro apresentou um repentino e vertiginoso aumento nas intenções de voto. As multidões, além disso, estavam apavoradas. Por que estariam a tentar matar o Messias? As estruturas da democracia estavam abaladas. As energias do caos podiam ser levemente sentidas.

O caos pode parecer assustador, seja lá onde aconteça, inclusive em uma campanha eleitoral. Todavia, é necessário ponderar que o mesmo pode reunir as condições ideais para a gênese. Observemos *A Teogonia*, de Hesíodo; O caos é a primeira divindade a ser cantada dentre os deuses primordiais:

Sim bem primeiro nasceu Caos, Depois também
Terra de amplo seios, de todos sede irresvalável sempre,

dos imortais que têm a cabeça do Olimpo nevado,
e Tártaro nevoento no fundo do chão de amplas vias,
e Eros: o mais belo entre Deuses imortais,
solta-membros, dos Deuses todos e dos homens todos
ele doma no peito o espírito e a prudente vontade.

Do caos Érebo e noite negra nasceram.
Da noite aliás Éter e dia nasceram,
gerou-os fecundada unida a Érebo em amor.

Terra primeiro pariu igual a si mesma
Céu constalado, para cercá-la toda ao redor
e ser aos Deuses venturosos sede irresvalável sempre.
(HESÍODO²⁶, 2007, p.109).

Por essa breve passagem, podemos notar que no princípio a Terra está lado-a-lado ao Caos, ao Tártaro nevoento no fundo do chão e ao amor, Eros. A Terra pare o Céu, seu igual que vem a cobri-la com amor (força de união), proliferando e fecundando, atravessando a desordem, ou o caos, que surge como uma espécie de “princípio cosmogônico de cisão e de diferenciação” (TORRANO, 2007, p.54):

Quanto à Linhagem do Caos [...] A ela pertence tudo o que se marca pela chancela do Não-ser, todas as formas de violência das potências negativas e destrutivas. Os descendentes do Caos não se unem procriativamente a ninguém (exceto a união de Érebo e Noite, que procriam assim Éter e Dia, segundo o verso 125, que por isso é dado como não-hesíodico por alguns editores); eles atuam como potências de cisão, de desagregação, da violência e da morte, - pois assim se expressa o poder de Caos. (TORRANO, 2007, p.59).

Ainda que o Caos seja a primeira divindade a ser cantada por Hesíodo e que tenha, inclusive, originado uma linhagem, percebe-se que: Ou o Caos continua a operar e a desenvolver sua linhagem de cisão, desagregação, violência e morte, ou toda a Gênese do Cosmos o atravessa, superando-o, para continuar a criação. Aonde desejo chegar com essa provocação? A desordem precisa ser eliminada. Simples assim. De mesmo modo ocorre no mito cristão:

Irmãos, pela vinda do Senhor nosso Jesus Cristo e nossa reunião com ele, vos pedimos que não percais facilmente

a cabeça nem vos alarmeis por causa de profecias ou discursos ou cartas falsamente atribuídas a nós, como se o dia do Senhor fosse iminente. Que ninguém vos engane de nenhum modo: primeiro deve acontecer a apostasia e deve manifestar-se o Homem sem lei²⁷, o destinado à perdição, o Rival que se ergue contra tudo o que se chama Deus ou é objeto de culto, até sentar-se no templo de Deus, proclamando-se Deus. Não lembrais o que vos dizia quando ainda estava convosco? E agora sabeis o que o retém, para que não se manifeste antes do tempo. A força oculta da iniquidade já está agindo; falta apenas que seja afastado aquele que a retém. Então se revelará o Iniquo, que será destruído pelo Senhor Jesus com o sopro de sua boca e anulará com a manifestação de sua vinda. (BÍBLIA, Segunda Carta aos Tessalonicenses, 2, 1-8).

No mito cristão, para que se reestabeleça o Reino de Jesus Cristo, é necessária a apostasia, a manifestação do “Homem sem lei”, que inclusive sentará no trono de Deus. O domínio anterior do Anticristo é condição para que Jesus volte a se manifestar, derrotando-o com o sopro de sua boca.

Aplicando esse conhecimento à realidade vivida em 2018, é possível verificar que se criou a ocasião para que “batalhassem” aquele que representava o Messias e aquele que representava as forças do mal, Lula e o Partido dos Trabalhadores.

Construída a narrativa de caos, ou de desordem, por parte da campanha política bolsonarista, restava apenas uma espécie de “confirmação pública de existência”. Isso ocorreu quando passaram a discordar veementemente e se escandalizar publicamente com as falas e atitudes do, então, Deputado Federal e, posteriormente, líder bolsonarista. Consequentemente, a existência do “Messias”, no nível discursivo, lógico e imaginário, foi aceita. Como disse Michel Foucault: “[...] Sou materialista, porque nego a realidade.” (FOUCAULT, 2009, p.169).

O líder bolsonarista, quando passou a ganhar mídia com suas polêmicas, era um político de reputação local, ou, na melhor das hipóteses, regional, sem capacidade de movimentar dinheiro e interesses suficientes para arcar com os custos de uma Campanha Presidencial forte. Recebendo, de forma gratuita, espaço de exposição na mídia, ainda que para ser retratado de forma caricata, Bolsonaro conseguiu despertar uma identificação em

27- Em Nota de rodapé, o tradutor Dr. Luís Alonso Schökel esclarece o termo “Homem sem lei”: Ou: “*o pecado em figura humana*”. Ou: “*a iniquidade personificada*” (BÍBLIA, p.2431).

uma parcela significativa da sociedade, algo que ele não conseguiria acaso tivesse um tempo de exposição de 30 segundos em algum programa eleitoral. As intenções de voto atraíram investimentos em sua campanha e alianças políticas mais fortes e, inevitavelmente, a campanha presidencial foi lançada para as eleições de 2018.

Entre os anos de 2015 e 2017, ocorreu um verdadeiro processo inquisitório²⁸ por parte da mídia e de órgãos do Poder Judiciário (que deveriam ser neutros) com o intento de destruir a imagem pública do Partido dos Trabalhadores e de seus ícones. Dois elementos do mito cristão estavam dados: 1) a presença do “mal”, do “Homem sem lei”, Lula; e 2) a vinda do salvador, Jair Messias Bolsonaro.

Tudo ligado ao Partido dos Trabalhadores passou a ser um sinônimo de “roubalheira”. Os jornais e as mídias de notícias tiveram um papel de destaque nesse processo de satanização do Partido dos Trabalhadores. A operação “Lava-Jato” foi uma arma eficiente nesse sentido, sendo um fenômeno de venda e visualização de notícias e escândalos, direcionados para atacar as pressões morais que afligem o brasileiro de classe média e de classe baixa.

Não podemos nos esquecer de que antes da “Lava-Jato” e do “superjuiz” Sérgio Moro, que não apenas julgava como também conduzia as acusações, nos últimos anos da década de 2000, o, então, Ministro do Supremo Tribunal Federal, Joaquim Barbosa, atuou de forma semelhante quando foi Relator dos processos relacionados ao que ficou conhecido como “Mensalão”.

Na narrativa imaginária montada pela foraclusão bolsonarista, o Partido dos trabalhadores era um “covil de ladrões”. O ex-presidente Lula era o inimigo, o anticristo, o Homem sem lei, tão culpado da desordem (provocada pelas “elites” ainda no início do governo Dilma Rousseff) que a sua imperfeição podia ser expressa no somatório de dedos das mãos.

Por outro lado, como Jair Bolsonaro passou a ser “O Messias”, “O mito”? Não foi necessário que ele fizesse tudo o que Jesus Cristo pregou para absorver, magicamente, suas qualidades. Como já citado (CASSIRER, 1972, p.109-110), ele só precisou se “apropriar”, magicamente, da sombra do mito que ele desejou suceder, dos seus “restos”. Ilustrando o que foi escrito: ele só necessitava encenar algo que o permitisse se apropriar da imagem de Jesus Cristo e vestir a máscara, tal como um folião em uma festa *Halloween*.

Em **Como a desvalorização da Literatura nos conduziu ao bolsonarismo** (BRANDÃO, 2023), identificou-se que o momento no qual Jair Bolsonaro se tornou “O Messias” foi o seu momento de sacrifício, a facada:

28- Refiro-me à operação “Lava-jato”.

[...] as crises geram miséria, conduzindo as pessoas à sensação de desamparo e de desespero. Naturalmente, elas buscarão a proteção de alguém ou de alguma crença. E não existe melhor protetor do que um pai autoritário, que tira a responsabilidade dos filhos. O líder da massa, como visto neste capítulo, ascende, fazendo a referência ao pai protetor. Quando esse líder consegue mostrar ao seu rebanho o seu sacrifício, naturalmente, ele atrai para si não apenas o simbolismo do pai autoritário, mas também do símbolo religioso que se sacrifica para salvar o povo da perdição, ao mesmo tempo em que reforça seu discurso patriótico, que depende, igualmente, da imagem do sacrifício. (BRANDÃO, 2023, p.168).

Esse ato de sacrifício que parece inaugurar o ato de conquista por parte do líder de massa é uma forma de assenhorar-se da massa religiosa cristã. Recentemente²⁹, o presidenciável Donald Trump escapou milagrosamente de um atentado, recebendo um ferimento de raspão na cabeça advindo de um tiro de fuzil. Bravamente, pôs-se de pé e gritou, com o braço estendido, *fight!*³⁰.

Adolf Hitler, por exemplo, realizou tal ato de sacrifício quando tentou um golpe para assumir o Governo da região da Baviera³¹, falhou, foi baleado, preso e, mesmo, sendo publicamente julgado e, estando em desvantagem, conseguiu fazer sua vontade triunfar na corte alemã e de dentro para fora da cadeia. Se Deus presenteou o mundo com a *Bíblia*, Adolf Hitler presenteou³² seus seguidores, seus filhos e suas filhas, com *Mein Kampf* (1925).

Está dada a estrutura geral dos mitos observada por Mircea Eliade: 1ª fase de criação; 2ª fase de caos; 3ª fase de destruição; e 4ª fase de recriação.

A primeira fase (de criação) seria o momento temporal e histórico tido como ideal pelo imaginário das multidões bolsonaristas. Levando em consideração os pilares nos quais se apoia - Militarismo, religião cristã e patriotismo (BRANDÃO, 2023, p.74) - não é de se estranhar que esse tempo-espaço idealizado seja uma mistura de paraíso bíblico com o Brasil da época da

29- O presente artigo está sendo encerrado, com sua entrega para a avaliação da revista, em setembro de 2024.

30- Lute, ou Lutem – Tradução nossa.

31- Conhecido como *Hitlerputsch* ou *Hitler-Ludendorff-Putsch*, foi uma tentativa de Golpe de Estado contra o governo da região da Baviera, que falhou devido ao recuo e posterior traição de Gustav Von Kahr e de alguns oficiais. Adolf Hitler foi preso e durante o seu julgamento, a corte e o público ficaram maravilhados com seu discurso de sacrifício e nacionalismo, permitindo, inclusive, que ultrapassasse o tempo regimental para sustentação oral.

32- Pode conter ironia.

Ditadura Empresarial Militar de 1964. E do choque dessas duas idealizações nasceu o período 2019-2022 do Brasil, período que mais se pareceu com uma cria do caos, porém, sem o amor de Eros.

A segunda fase (de caos) foi marcada pela construção de uma atmosfera caótica para que o “mito” (bolsonarismo) ascendesse. Dentre alguns momentos marcantes dessa fase, pode-se citar³³: 1) a desestabilização do governo Dilma Rousseff e o posterior processo de *impeachment* da Presidente; 2) A campanha política de criminalização do Partido dos Trabalhadores e do ex-Presidente Lula; 3) a construção de um ambiente político polarizado para as eleições presidenciais de 2018, que fosse capaz de desestabilizar a mínima confiança das pessoas nas instituições democráticas, sendo o atentado à faca sofrido pelo líder bolsonarista o ápice desse momento de tensão.

A terceira fase (de destruição) foi a eleição presidencial de 2018 em si. A prisão de Lula e a vitória de Jair Messias Bolsonaro na campanha para Presidente da República. Foi a derrota imaginária do “mal” (o Partido dos Trabalhadores e Lula) pelo Messias, Jair Bolsonaro.

A quarta fase (de recriação) é o que o Brasil sofreu entre 2019 e 2022. É óbvio que o ambiente político construído por um coletivo bolsonarista, que tentou conciliar um imaginário paraíso bíblico neopentecostal com o Brasil da Ditadura Militar de 1964, seria algo próximo de uma cria do próprio Caos. Essa cria do caos se expressou em todos os índices (crescimento econômico, inflação, diminuição do parque industrial, aumento do desemprego, aumento do número de pessoas abaixo da linha da miséria e o número elevado de mortos na desastrosa política de contenção da pandemia). Ainda assim, no imaginário das multidões bolsonaristas, não deixou de ser um tempo de harmonia este vivido de 2019 a 2022 no Brasil. Ou seja, embora, muitos tenham colhido as consequências reais das mazelas que afligem as classes média e baixa do Brasil, todo o sofrimento causado pareceu ter sido recalcado por trás de uma ilusão: Um “Brasil sem corrupção”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do levantamento bibliográfico realizado, foi possível conduzir um estudo comparativo, verificar similaridades entre narrativas mitológicas e deduzir leis gerais sobre constituição, renovação e sucessão.

Do cruzamento entre conhecimento científico e fatos e fenômenos do mundo levantados neste artigo, é seguro afirmar que a estrutura comum a muitos mitos (1. Criação; 2. Caos; 3. Destruição; 4. Recriação) parece ter sido

33- Apenas alguns exemplos mais marcantes.

encenada pela campanha bolsonarista em 2018, mais precisamente, pelo líder da massa e seus hipnotizados, digo, seguidores.

Não é inseguro afirmar que, na mente de seus seguidores, Jair Bolsonaro conseguiu se apropriar da imagem de Jesus Cristo. As multidões bolsonaristas enxergaram o líder como uma possibilidade de “salvador”. De “mito”, Jair Bolsonaro se tornou o “Messias”.

Ao se “sacrificar”, recebendo uma facada no bucho, e, ainda assim, continuar na corrida presidencial, Jair Bolsonaro conseguiu se apropriar, magicamente, das qualidades inerentes a Jesus Cristo. Um mito se apropriou de parte da narrativa de outro mito, conseguindo, assim, assimilá-lo, tornando-se ele o próprio mito que desejou suceder (na mente dos seguidores, e é tudo o que importa).

Em se tratando de um estudo teórico, convém ressaltar que a teoria aqui proposta, de que as sociedades podem ser captadas por algum hábil hipnotizador, digo, líder de massas, e contracenar uma espécie de ritual da criação, necessita ser verificada em outros contextos.

Porém, no presente momento, com o desafio de enriquecer os estudos acerca da campanha presidencial bolsonarista de 2018, cabe ressaltar que as relações entre o líder da massa bolsonarista, suas multidões, o líder de massa petista, suas multidões, e a dinâmica de combate estabelecida em 2018 foi deveras similar à encenação de um ritual que visava reproduzir um mito de criação e recriação cristão.

Convém lembrar que na **Segunda Carta aos Tessalonicenses** existe uma passagem na qual se informa que a volta do salvador, Jesus Cristo, deve ser precedida pela apostasia, pela vinda do anticristo, do homem sem lei, que inclusive se sentará no trono do salvador. Nesse sentido, na narrativa que se construiu para as eleições de 2018, Lula seria o homem sem lei, o anticristo, e o Partido dos Trabalhadores seria a sua corja de demônios. Já o líder, Jair Messias Bolsonaro, atuou como o “salvador”. Mito encenado com sucesso para o candidato a Messias, que conseguiu se eleger Presidente da República Federativa do Brasil.

Por último, cabe ponderar que tudo isso pode parecer coincidência, todavia, um investigador não deve acreditar em coincidências, mas em dados e evidências a fim de interpretá-los e enriquecer o conhecimento humano acerca do mundo. O presente trabalho, de certa forma, confirma a tese proposta por Mircea Eliade:

Alguns “comportamentos míticos” ainda sobrevivem sob os nossos olhos. Não que se trate de “sobrevivências” de uma mentalidade arcaica. Mas alguns aspectos e funções do comportamento mítico são constituintes do ser humano. [...]. (ELIADE, 1991, p. 156-157).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÍBLIA. Português. **Bíblia do Peregrino**. Trad. Luís Alonso Schökel. 3. Ed. São Paulo; PAULUS Editora, 2017.
- BRANDÃO, José Eduardo Fonseca. **Como a desvalorização da Literatura nos conduziu ao bolsonarismo**. São Paulo: Editora Dialética, 2023.
- CASSIRER, Ernst. **Linguagem e Mito**. Trad. J. Guinsburg, Miriam Schnaiderman. São Paulo : Editora Perspectiva, 1972.
- DAVID, Ann Rosalie. **Religião e magia no Antigo Egito**. Trad. Angela Machado. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. Trad. Pola Civelli. 3. Ed. São Paulo : Editora Perspectiva, 1991
- FILOCALUS, Furis Dionysius. **Kalendarium Anno CCCLIV Conscriptum {0354-0354}**. DOCUMENTA CATHOLICA OMNIA. Disponível em: https://www.documentacatholicaomnia.eu/02m/0354-0354,_Furius_Dionysius_Filocalus,_Kalendarium_Anno_CCCLIV_Conscriptum,_MLT.pdf. Acesso em 09 de setembro de 2024.
- FOUCAULT, Michel. **Estética e pintura, música e cinema**. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. 2. Ed. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2009.
- HESÍODO. **Teogonia: A origem dos Deuses**. Trad. Jaa Torrano. 7. Ed. São Paulo : Iluminuras, 2007.
- TUVUCA, Marcelo. **CNN Brasil**, 2022. Bolsonaro fala em luta do bem contra o mal, Lula critica defesa de empresários a teto fiscal. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-fala-em-luta-do-bem-contra-o-mal-lula-critica-defesa-de-empresarios-a-teto-fiscal/>. 9 de julho de 2022, acesso em 28 de agosto de 2022.

HOMENAGEM



ADEUS, POETA JURANDIR BEZERRA

POR FRANCISCO DA CUNHA E SILVA FILHO

Novamente o telefone toca em minha casa. Meu filho Alexandre atende. Alguém do outro lado da linha, lhe passa um recado: “O poeta Jurandyr Bezerra, natural do Pará, faleceu ontem, dia 28 de maio, aos oitenta e cinco anos.” Jurandir nasceu em 13 de março de 1928.

Sinto-me abalado, sem rumo, amargurado. Nossa cultura ocidental não se alegra com os mortos, como o fazem algumas culturas orientais. O que poderemos fazer senão chorar no silêncio de nossa dor profunda, incomensurável.

Não foi um falecimento de um desconhecido que nunca vimos nem com quem nunca tivemos qualquer contato pessoal. Foi a morte de um poeta, um grande poeta não só paraense, mas brasileiro.

Jurandir só teve um livro editado, com este título que parece vir dos eleitos de Deus, de um lugar encantado onde só a pureza tem seu assento.: *Os limites do pássaro* (Belém: Editora CEJUP, 67 p.,1993), com orelhas de Leonam Cruz e introdução de Fagundes de Menezes.de .

Esta obra foi lançada na VI Bienal Internacional do Livro, Rio de Janeiro (1993) e na II Feira do Livro do Pará, em novembro (1993). *Os limites do pássaro*, ainda na condição de inédito, recebeu 3 prêmios nacionais: “Prêmio Guararapes”, da União Brasileira de Escritores, Rio de Janeiro como o melhor livro inédito de autor inédito em livro(1986), Comissão Julgadora: Fagundes de Menezes, Stella Leonardos e Reynaldo Valinho; 2º lugar do “Prêmio Carlos Drummond de Andrade (1991, Conselho Estadual de Cultura, Rio de Janeiro; 2º lugar no Concurso Nacional de Poesia Ruth Scott, do Sindicato

dos Escritores do Estado do Rio de Janeiro(1993).

Muito bem recebido pela crítica, não só em Belém, mas também no Rio de Janeiro. Recebeu elogios de Antonio Olinto (1919-2009) do crítico Antonio Carlos Secchim, ambos membros da Academia Brasileira de Letras.

Algumas de suas poesias foram premiadas em concurso nacional e internacional, como o da Revista “Leitura”, Rio de Janeiro(1957) ainda quando residia em Belém; “Pastorela, quase cantiga”, 3º lugar entre 486 candidatos, tendo na comissão julgadora nomes do quilate intelectual de Carlos Drummond de Andrade, Adonias Filho e Antônio Olinto; 2º lugar, entre centenas de candidatos, no I Concurso Nacional de Poesia de Uberlândia, Minas Gerais, com o poema”Criação do Mito”(1984); 2º lugar em Concurso Nacional da Hebraica, Rio de Janeiro, com o poema “A espuma” (1991); menção honrosa, entre 1.047 inscritos, no VII Concurso Nacional de Poesia Ariete Vilela (2000), do jornal Letras Literárias, Maceió, Alagoas, com os poemas “Plenitude”, “Noturno,” “Poesia quase de solidão”; em 2005, em concurso internacional, na Itália (Premio letterario “Il Molinello”) teve escolhido seu poema “Infância”. Além disso, 3 poemas seus foram selecionados e publicados em “Poesia Sempre, da Fundação Biblioteca Nacional (2002). Com o seu poema “infância” participou de uma antologia de Rapolao Terem, província de Siena, Itália.

Jurandir Bezerra teve alguns poemas traduzidos para o inglês por Cunha e Silva Filho e para o italiano pelos professores Guido Alberto Bonomini e Marines Lima Cardoso.

Precoce, Jurandir Bezerra ingressou na Academia Paraense de Letras aos 18 anos.Pertenceu a uma geração de grandes intelectuais paraenses, muitos dos quais alcançaram renome nacional, como Benedito Nunes, Max Martins, Haroldo Maranhão e tantos outros que, junto com ele, e tendo Jurandir apenas 14 anos, fundaram a Academia dos Novos.

Jurandir Bezerra foi ainda professor de português, jornalista e exerceu atividades sindicais na área do jornalismo, como delegado por várias vezes de Congressos Nacionais de Jornalistas representando o estado do Pará. Além disso, foi funcionário público federal do Ministério da Saúde atingindo altas funções na área administrativa

Jurandir Bezerra deixou inéditos 8 livros de poesia: *As águas de Mara*, que recebeu menção honrosa no citado Concurso do Sindicato dos Escritores do Estado do Rio de Janeiro; *A lâmina convexa*, menção especial do Prêmio Ribeiro Couto, da União Brasileira de Escritores, Rio de Janeiro (1997); *Configurações*, *Superfície*, *O Rio de minha Aldeia* (em conclusão); *O signo convexo* (em elaboração), *Sombra submersa*, recordações da Amazônia (em

elaboração); *O verbo não conjugado*, uma antologia de poemas dos livros supracitados.

Jurandir era muito criterioso com a sua poesia e, por isso, me falou que havia feito consideráveis modificações na ordem da antologia *O verbo não conjugado*, retirando e colocando poemas, além de refundir mesmo partes da estrutura de alguns poemas. Não lhe pude acompanhar os últimos tempos de sua existência a fim de saber como tinha ficado o livro a ser editado pela Litteris Editora. A demora desta publicação levará, deste modo, a um lançamento póstumo, infelizmente.

Após esses dados biobibliográficos, me permita o leitor algumas palavras de amigo do poeta para finalizar esta coluna de saudade. Não posso deixar de fazer referência a uma circunstância que me levou a conhecer Jurandir Bezerra. Foi através de um dos filhos do poeta, o Walter Ivan, hoje advogado e professor, que vim a conhecer o grande poeta. Meu filho sempre me falava que o pai de um amigo dele era poeta. Nunca atinava que esse poeta fosse de tão alto nível. e um poeta premiado. Jurandir residia no subúrbio do Rio de Janeiro, no conhecido bairro da Vila da Penha, bairro onde morei também durante muito tempo. Daí o contato e conseqüente aproximação. Eu, porém, nunca fui apresentado a ele, nem por meu filho, nem pelo Walter.

Quando fazia o meu mestrado, um dia, saindo da Faculdade de Letras da UFRJ, no campus do Fundão. em direção ao ponto de ônibus, vi um senhor de estatura mediana, franzinho, de cor clara e já calvo, mas ainda cheio de saúde. Suas feições me lembravam as do poeta Drummond. Sempre bem vestido, usando camisa de mangas compridas por dentro da calça, mas com os punhos fechados, isso lhe dava um ar de refinamento, de aristocracia de gestos mas ao mesmo tempo de um finura, de uma delicadeza que me surpreendia ainda poder ver em alguém. Já disse para muita gente que Jurandir foi a pessoa mais educada que conheci nesta vida. Jurandir tinha ido assistir a um Congresso ou a uma palestra na Faculdade.

Não sei por quê, um de nós falou alguma coisa e daí se encetou uma breve conversa que o levou a me dizer das razões de sua ida à Faculdade. Com o continuar da conversa, e com a troca de dados pessoais que nos demos, viemos a saber que os nossos filhos, o Francisco Neto e o filho dele, o Walter, eram amigos e colegas, estudantes de Direito da Faculdade Nacional de Direito da UFRJ. Foi esse o início de nossa grande amizade, que data do início dos anos de 1990. A amizade se estreitou e durou até esta data de seu falecimento.

Nossa amizade não se fez com muita frequência na casa de um ou de outro. Sempre que havia alguma data comemorando aniversário meu,

o casal Bezerra lá estava no *playground* do meu prédio. Trazia-me sempre um presente, que, com o passar do tempo, eu já sabia qual era: uma obra de poesia, e sempre de grande poesia: *Paul Celan, Um Escrito sobre Jade*, poesia clássica chinesa reimaginada por Haroldo de Campos, uma coletânea composta de quatro volumes respectivamente de poesia catalã, galega, espanhola, e basca traduzidas e organizadas por Fábio Aristimunha Vargas.

Era assim Jurandir, um amigo onde a poesia estava sempre presente, seja pelos presentes de livros que me deu com lindas dedicatórias, seja pelas nossas conversas sobre o tema central de sua vida, a poesia, seja pelas nossas conversas pelo telefone, na maior parte falando sobre poesia, autores, temas ligados à técnica poética, à criação literária, os planos dele com respeito à sua produção e publicação, os seus poetas preferidos, Cecília Meireles, Carlos Drummond, Manuel Bandeira, entre outros, a sua mudança de jovem poeta provinciano ainda preso ao cânone tradicional da poesia metrificada e rimada para a sua adesão consciente e progressiva às formas livres da poesia brasileira, do Modernismo até à contemporaneidade, a sua admiração por poetas como Saint-John Perse(1887-1975) Paul Celan (1920-1970), Trakl (1887-1914) Mário Faustino (1930-1962) que conheceu em Belém e com quem falou algumas vezes. Era também amigo do crítico e ensaísta Benedito Nunes. Manteve ainda amizade com o seu conterrâneo poeta, para ele, um dos maiores do Pará, o Max Nunes, já falecido.

Além disso, Jurandir Bezerra tinha profundo interesse por tudo que se relacionava com a teoria poética, com a crítica literária. Lia sempre e continuamente poesia, combinada com ficção e ensaios, com traduções de poesia do que de melhor havia produzida a humanidade. Era muito seletivo nas suas leituras e, nos últimos tempos, me falava que a poesia, a grande poesia, está impregnada de musicalidade, de ritmos e sonoridades.

Sua poesia era formal, hermética, ambígua, quase inabordável. Fora este, segundo ele, o caminho por que enveredou na sua composição poética influenciada pelos grandes poemas universais da modernidade. A confissão, a frustração, os problemas pessoais, quando transmutados em poesia, são figurados sobremodo pela metaforização, pela opacidade.

O poeta, assim, se esconde do confessional, da poesia realista, mimética. Seu caminho deve ser o da imagem, do símbolo, do mito, da formalização de estofos estéticos, daí o hermetismo e a sensação ao mesmo tempo da fruição do poema pelo poema em si e pelo que ele desperta no leitor tantas realidades imaginadas, imaginárias, inconscientes, subconscientes, em que os sentidos procurados escapam das vistas do leitor e se oculta numa concha onde poderia estar tanto o mistério da poesia quanto o significado da vida e do

universo.

Dá-me a sua poesia a sensação, guardadas as proporções de diferenças e de estilos literários, da evanescência dos simbolistas, do sofrimento oculto, das dores sufocadas mas sempre presentes e de um vigoroso e por vezes sensualismo também mascarado pelo formalismo esteticista de aristocraticante elaboração dos versos e por um imagismo multifacetado quer da natureza física, quer de natureza humana, do corpo, da beleza feminina, do sentimento cristão, da cadência bíblica de alguns poemas evidentes pela sua formação católica, mas sem exageros eclesiais.

Poesia “mentada,” reflexiva, trabalhada com a pertinácia de cada vez mais exprimir-se pelas indefinições, pelo ocultamentos e admirável discrição no trato dos temas e dos recurso poéticos de que lançou mão com a avidez do conhecimento técnico necessário e contínuo no seu ofício de poeta. Julgo, por fim, que a poesia de Jurandir Bezerra bem se poderia alinhar àquela forma de construção artística contemporânea que se realiza não contra a história, a vida social, mas se configura e se forma desse veio poético voltado mais para o conteúdo material e formal da linguagem (Terry Eagleton) que é o próprio ato poético como tema mais caro de transmitir sentidos.

Para terminar este depoimento no momento em que seu corpo desce à sepultura, no Cemitério de Irajá, no Rio de Janeiro, quero registrar ao leitor este pequeno poema, “Encantamento” (p.32) que se encontra na contracapa do seu livro *Os limites do Pássaro*:

ENCANTAMENTO

Os pássaros entenderam
 Tua mensagem
 Como pássaros.
 E vieram dizer-me que eras sempre.
 Abri os olhos como se houvesse
 Noite e não destroços. Já não estavas mais
 nem andorinha
 nem relva
 nem pedra (preciosa).
 Havia amanhecido.

HOMENAGEM

A Professora Miriam Therezinha da Matta Machado ocupou a Cadeira 26, porém, há muito não conseguíamos contato com ela: nem por telefone, nem por e-mail. Quem recebeu a notícia, enviada pelo Professor Paulo Roberto, foi a Professora Edila Vianna da Silva.

A Professora Doutora Miriam Therezinha com Graduação em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Especialização em Língua e Literatura Espanhola pela Universidad de Madrid, Especialização em Filologia Portuguesa pela Universidade de Lisboa, Diplôme de Phonétique pela Université de Paris - Sorbonne, Doutorado em Fonética pela Université de Strasbourg (1981), com os cursos correspondentes aos créditos e ao Exame de Qualificação, feitos na Université de Paris, Sorbonne, Pós-Doutorado pela Université de Strasbourg e pela Université de Paris VII (1994). Tem experiência nas áreas de Língua Portuguesa, Dialectologia e Linguística, com ênfase em Fonética Experimental, Articulatória e Acústica, desenvolvendo pesquisas em descrições dos sons da fala, com emprego do Método Cinerradiológico e atuando, principalmente, nos seguintes temas: vogais e consoantes, enfraquecimento articulatório, nasalidade e entoação. Foi Coordenadora do GT de Fonética e Fonologia da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), de junho de 2000 a julho de 2004. É Membro Titular da Academia Brasileira de Filologia, (ABRAFIL), Presidente da Sociedade Brasileira de Fonética e pertence a várias associações científicas, entre elas, a International Phonetic Association, (IPA), a Société Linguistique de Paris, e a Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN).

NOTICIÁRIO

O Instituto Junguiano do Rio de Janeiro realizou um encontro científico no dia 03 de agosto de 2024, através do *VII SIMPÓSIO – Mitologia: de Junito Brandão à Clínica Contemporânea Junguiana*, com palestras diversas sobre a questão da subjetividade, celebrando o CENTENÁRIO de JUNITO BRANDÃO, somente na categoria PRESENCIAL na Cúria Provincial - Jesuítas Brasil. Endereço: R. Bambina, 115 - Botafogo, Rio de Janeiro.

Houve uma mesa dos organizadores do livro, Walter Boechat, Carlinda Nuñez, Amós Coêlho - “Um semeador no campo das humanidades: Junito Brandão e seu legado na mitologia”, da Editora Vozes – Petrópolis: inclusive com a presença de um estande da Editora Vozes. Houve depoimentos importantíssimos, como o de:

“A presença viva de Junito Brandão conjuga ao mesmo tempo saudade e permanência, apelo de encontros passados e redesenhos para a interpretação do presente. Junito foi capaz de transmitir com grande maestria, singularidade e paixão a força do mito, a eterna ou a antiga juventude que se prolonga no mito, no coração do mito.” Marco Lucchesi

RESENHA

O livro *Cartografias Literárias*, de Annabela Rita¹, é uma edição apoiada pela Direcção-Geral do Livro e de Bibliotecas de Portugal, foi impresso no Brasil por Escrituras Editora e Distribuidora de Livros Ltda, São Paulo, 2012.

Desde outrora, o homem busca uma visão geográfica do mundo e do cosmo e esta busca se realizou pela cartografia, que é uma orientação de operação científica com datação do termo a partir de 1873.

Como poetisa que é Annabela Rita, mapeou numa viagem através das palavras, dando formatação de cartografia como figuração poética para seus textos cartografados. Refletiu sobre a questão identitária, mas se concentrou no contato ou interação social do eu com o outro, observando relações como expectativa, estranheza... que podem vivenciar rivalidade, emulação, desconfiança... Ora, a literatura criou narrativas de viagens, e em discursos literários, no viés de paródia e outros recursos intertextuais, a literatura se expande... Annabela Rita ainda se refere em sua obra *Cartografia Literárias* ao protagonismo de Portugal através d'*As Grandes Navegações*, "o reconhecimento da terra desconhecida" (73) com a *Carta de Pero Vaz de Caminha*... Lê em Almeida Garrett a configuração de Portugal, tecendo considerações extraídas da obra garrettiana "Portugal na Balança da Europa sobre a crise de Portugal em relação ao mundo europeu".

Seu texto é um convite ao fluxo da memória no imaginário humano, assim se refere aos fragmentos poéticos e suas repercussões na interlocução entre autor e leitor em múltiplas cartografias literárias de sua autoria.

O seu imaginário poético indica os Jardins da Literatura como arquétipo da origem do homem, dotado de Verbo, tanto na mitologia bíblica como na mitologia grega. Isso se assemelha ao sonho. Próximas fortunas da humanidade com "Ilhas doos Amores, Avalon, Himalaia, Fujiyamna, Hspérides, Olimpo, Campos Eliseos, Parnasoo, Arcádia, etc." (95)

Em seu capítulo "Da Acostagem: Processo e Lugares" (p.111), revela a complexidade da leitura: "Ler conduz-nos da interpretação literal a níveis de compreensão cada vez mais complexos, com base em idéias ou impressões, *hipóteses de trabalho* que vamos procurar confirmar na prescrutação do texto." (Grifo da autora)

In "3. Terceiro Diário: "A Casa do Mar" (1970) de *Sophia de Mello Breyner Andresen*, na página 168: "Contrastivamente, os antigos Mapas do

1- Foi agraciada com o Diploma de Mérito Cultural pela Academia Brasileira de Filologia e pela Faculdade CCAA (Rio de Janeiro, 2007).

Céu, (a nota de rodapé vem como alegoria de Carole Stutt em sua obra “Cartas Celestes (antigos Mapas do Céu)”), oferecendo-no-lo cartografado de diversas formas (no oriente e no ocidente) e com diferentes objetivos ...”

Enfim, a Autora toma a palavra cartografia e a transfere em forma de mimese ao discurso literário metalinguístico, reconhecendo uma “distorção inerente ao ato de representação” (p.169) – assim, Horácio indicou a expressão do “real” literário e do “real” pictórico em sua *Arte Poética*, verso 361: *Vt pictura poesis...*

SOBRE OS AUTORES

Afrânio da Silva Garcia concluiu o Doutorado em Letras (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1996. Atualmente é Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Publicou 72 artigos em periódicos especializados e 43 trabalhos em anais de eventos. Possui 9 livros publicados. Participou de 43 eventos no Brasil e no exterior. Recebeu 2 prêmios e/ou homenagens. Organizou 12 eventos, sendo um de caráter internacional. Atua na área de Letras, com ênfase em Semântica. Em seu currículo Lattes os termos mais frequentes na contextualização da produção científica, tecnológica e artístico-cultural são: Língua Portuguesa, Semântica, Estilística, Especialização, Interpretação, Retórica, Ensino, Semiologia, Sintaxe e Figuras de linguagem. Participou recentemente de oito eventos internacionais, na China, em Portugal, na Itália, na França e nos Estados Unidos. Recentemente, teve quatro trabalhos publicados nos Estados Unidos.
CV: <http://lattes.cnpq.br/3408824183237935>

Aline Fernandes da Silva possui licenciatura em Letras com habilitação em Português, Inglês e respectivas literaturas pela Universidade Estácio de Sá (2011). É doutoranda (2023), mestra (2021) e especialista (2018) em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Desde 2011, atua como docente nas redes privadas e públicas, sobretudo da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.
CV: <http://lattes.cnpq.br/1015708362641761>

Francisco da Cunha e Silva Filho possui os seguintes títulos: Pós-doutorado em Literatura Comparada, UFRJ, 2014, Doutorado em Letras Vernáculas, UFRJ, 2002, Mestrado em Letras Vernáculas - Literatura Brasileira, UFRJ, Bacharel em Letras (Português-Inglês), UFRJ, 1973, Licenciado em Letras (Português-Inglês), UFRJ, 1976. Tem larga experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, e atuação sobretudo nos seguintes campos de pesquisa: crítica literária, história literária, vida literária, relação entre literatura, pobreza e violência, literatura universal, literatura de expressão piauiense, tradução de poesia, crônicas, articulismo, áreas culturais afins.
CV: <http://lattes.cnpq.br/7757316527738327>

José Eduardo Fonseca Brandão possui Graduação em Direito pela Universidade Candido Mendes (2015) e Graduação em Letras Português-

Grego (2022), Pós-Graduação Especialização em Direito Empresarial pela Universidade Estácio de Sá e Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Literatura (Teoria da Literatura / 2022) pela Universidade Federal Fluminense. Cursando Doutorado em Estudos de Literatura (Literatura Comparada) pela Universidade Federal Fluminense. Bolsista Capes. Autor do livro “Como a desvalorização da Literatura nos conduziu ao bolsonarismo”, publicado em março de 2023. Atualmente exerce a função de Professor Substituto de Magistério Superior de Crítica Textual/Ecdótica na Universidade Federal Fluminense.

CV: <http://lattes.cnpq.br/1496067904280792>

Lucas de Castro Salles possui graduação em Letras - Japonês pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2022). Programa de Intercâmbio Online na Universidade de Kanazawa (KU)(2021)Programa de Intercâmbio Online na Universidade Kwansei Gakuin(2022)Monitoria de Língua Japonesa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)(2021 até 2023). Participou do projeto Elo Nihon, inicialmente voluntário e posteriormente como bolsista pelo DEPEXT(2016 até 2019) Atualmente aluno de Mestrado no Programa de Pós Graduação em Letras - UERJ, Estudos de Literatura, Poéticas da Contemporaneidade. Orientado pelo Professor Doutor Marcus Alexandre Motta.

CV: <http://lattes.cnpq.br/5899039765626881>

Maria Angélica Freire de Carvalho é Graduada em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1995), possui mestrado em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1998), doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2005) e pós-doutorado em educação pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (2014). Atualmente é professora Associada da Universidade Federal do Piauí - UFPI. Dedicou-se às questões de Educação nos processos formativos à distância. Integra o grupo de pesquisa PROLETRAS, na UFPI, grupo de pesquisa em Língua e Linguagem, práticas multiletradas, delimitando os estudos sobre produção textual, leitura, teoria e prática. Atuou na colaboração, produção e revisão de materiais didáticos impressos e digitais para Ensino a distância (EaD). Desenvolveu consultorias e projetos a entidades públicas e privadas, no âmbito municipal e estadual no Rio de Janeiro. Atuou como analista educacional no programa televisivo Salto para o Futuro, programa de formação continuada a distância - SEED/MEC, produzido pela TV Brasil (www.tvbrasil.com.br/salto). No trabalho desenvolvido no Programa, acompanhou a elaboração de vídeos e boletins

educativos sobre séries temáticas, interagiu com professores especialistas e telecursistas no processo de realização dos debates ao vivo. Participou do Programa de qualificação docente de ensino de língua portuguesa no Timor-Leste, representando o governo brasileiro na qualidade de bolsista da Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior - CAPES. É sócia correspondente da Academia Brasileira de Filologia - ABRAFIL.

CV: <http://lattes.cnpq.br/9911594685733914>

Orcid <https://orcid.org/0000-0003-1160-9359>

Nataniel dos Santos Gomes possui graduação em Letras (Português / Literatura) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1996), mestrado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002) e doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2007), pós-doutorado em Língua Portuguesa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2019). É professor da graduação e do programa de pós-graduação (Mestrado Acadêmico em Letras e Mestrado Profissional em Letras) da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), unidade de Campo Grande. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: descrição linguística, línguas indígenas brasileiras, weblinguagem e histórias em quadrinhos. É líder do Núcleo de Pesquisa em Quadrinhos (NuPeQ) e do Núcleo de Línguas Indígenas de Mato Grosso do Sul (NuLIMS), vice-líder do Grupo de Semiótica, Leitura e Produção de Texto (SELEPROT-UERJ). Membro do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos (CiFEFiL) e diretor da Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial (ASPAS). Autor de inúmeros artigos e de mais de 40 livros.

CV: <http://lattes.cnpq.br/6180920530799182>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-3911-1552>

Ricardo Campitelli Xavier. Formação Acadêmica: Licenciatura em Letras - Inglês-Português - PUC 1968-1971; Curso de inglês na Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa 1962-1968; Curso de alemão no Instituto Cultural Brasil-Alemanha 1964-1969; Curso complementar de alemão no Goethe-Institut, Schwäbisch Hall, Alemanha 1969; Estudo privado de linguística indo-europeia, filologia românica e germânica 1972-2024; Estudo privado das línguas provençal, italiana e romena e das línguas holandesa e sueca 1980-2005.

Atividades Acadêmicas: Trabalho como tradutor de inglês e alemão em empresa estatal 1974-2009; Ensaio “Características Fonológicas, Morfológicas, Sintáticas e Lexicais do Dialeto Talian” dialeto dos imigrantes italianos do sul do Brasil, como contribuição ao processo de reconhecimento oficial deste dialeto pelo IPHAN – 2010; Ensaio “A Relação entre a Língua Portuguesa e a Língua Provençal” - palestra na USP – 2014; “A Língua Lituana no Contexto das Línguas Indo-Europeias” - palestra no Centro de Cultura; Ema Klabin (SP) por ocasião da comemoração do centenário da independência deste país – 2018; Traduções de textos literários suecos para o português, inglês e alemão e versões de textos literários portugueses, espanhóis, italianos e alemães para o romeno.

Roberto Ponciano Gomes de Souza Júnior é Mestre em Letras Neolatinas na Universidade Federal do Rio de Janeiro, desde janeiro de 2014 com o projeto, a influência de Garcia Lorca na poesia de Pablo Neruda. Mestre em filosofia pela universidade Gama Filho, com a dissertação “Para uma ética do dever através de Marx”. Linha de pesquisa na área da ética e da filosofia política. Dissertação sobre Marx, Lukács, Mészáros, Althusser e Badiou. Especialista em Economia e Sindicalismo pelo CESIT-UNICAMP Graduado em Direito pelo Centro Universitário Augusto Motta (2001). Licenciado em Letras/português/espanhol pelo Centro Universitário Augusto Motta (2007). Dele Nível Superior pelo Instituto Cervantes.

CV: <http://lattes.cnpq.br/8503669960161206>

Suellen Cordovil da Silva, em 2011, concluiu o curso de graduação em Letras, com habilitação em Língua Inglesa pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Fez a monografia voltada para os estudos de motivação e autonomia em sala de aula. Depois o Mestrado em Letras em Estudos Literários pela mesma instituição em 2014, já na dissertação analisou a tradução de língua inglesa de “Grande Sertão: Veredas” de João Guimarães Rosa. No doutorado em Letras na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) examinou a relação de obras de William Blake em trabalhos de Alan Moore. Realizou o doutorado-sanduíche na Universidade de Northampton (Inglaterra) juntamente com o curso “Pulp Visions” na mesma universidade. Atua como professora efetiva de Língua e Literaturas em Língua Inglesa desde julho de 2014 na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) e participa do Programa de Pós- Graduação em Letras (POSLET) com sede em Marabá. Em resumo, investiga os seguintes autores e temas: João Guimarães Rosa, William Blake, Alan Moore, Histórias em quadrinhos e Vertentes de literatura

fantástica.

CV: <http://lattes.cnpq.br/2051633811216841>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-7421-0922>

Zacarias Oliveira Neri é Mestrando em Linguística, pela Universidade Federal do Piauí, na linha de pesquisa Variação/diversidade linguística, oralidade e letramentos, com foco nas áreas de Linguística do Texto e Pragmática. Professor de Língua Inglesa na Wizard Idiomas. Professor seletista de Língua Portuguesa no ensino médio pela rede estadual (SEDUC-PI). Especialista em Ensino de Leitura, Escrita e Produção textual, pela Universidade Norte do Paraná. Graduado em Letras - Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Piauí, e graduado em Letras Inglês, pela Universidade Norte do Paraná. Já foi revisor de textos na empresa TRON - Robótica Educativa, professor de redação para o ENEM no preparatório Redação com Neri e professor de redação dos preparatórios GMAX, Alfamax e Aprova Nazaré. Participa do grupo de pesquisa “Projeções em pesquisas e práticas de leitura e escrita” (PROLETRAS), grupo de pesquisa dedicado aos estudos do texto, com foco na leitura, na escrita e em práticas multiletradas. Além disso, possui formação adicional em Língua Inglesa, pela Wizard Idiomas e pelo IFSul. Tem experiência científica nas áreas de Sociolinguística, Pragmática e Linguística do Texto.

CV: <http://lattes.cnpq.br/3825767874367500>